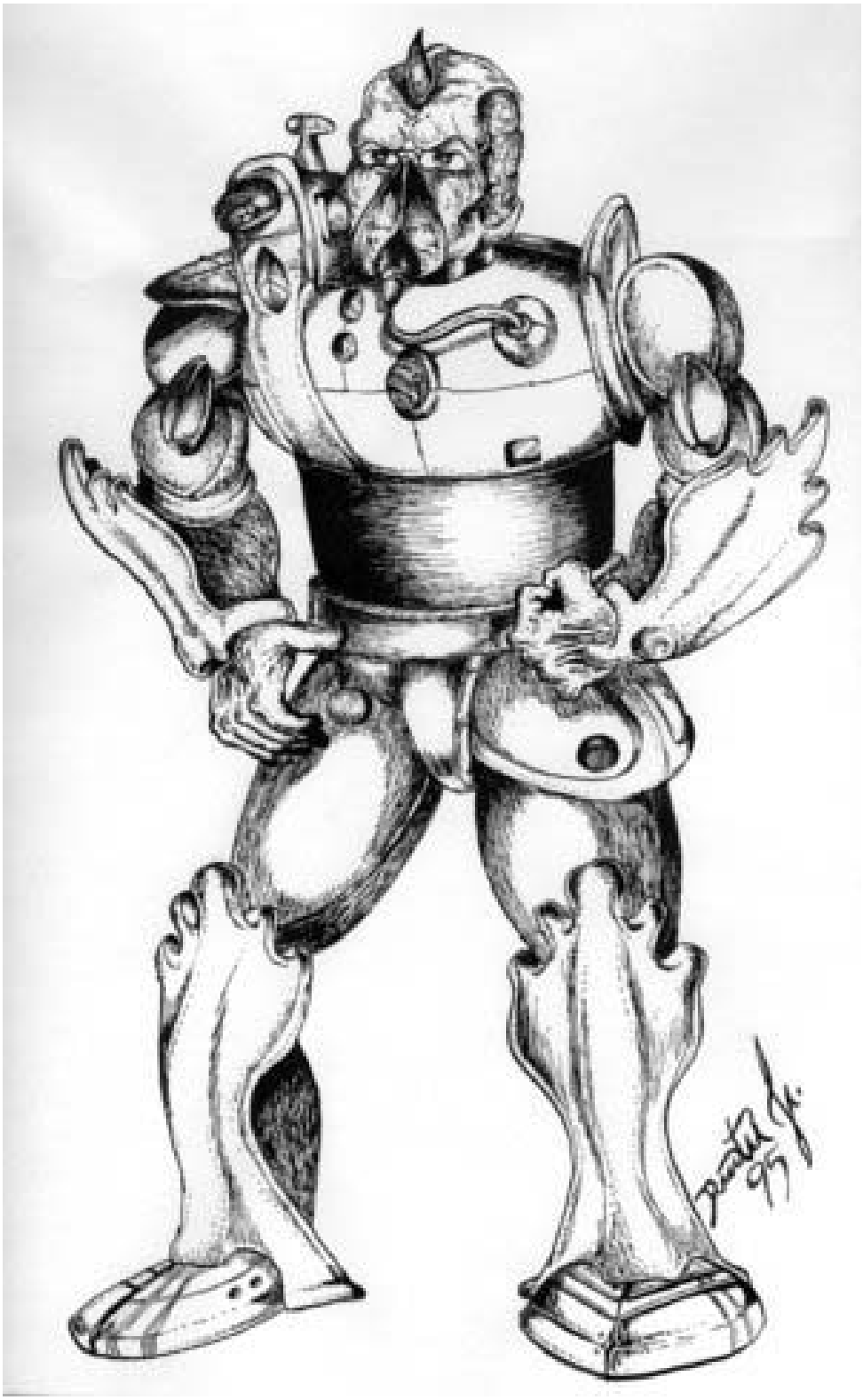
JUVENATRIX

JUVENATRIX – Fanzine de Horror & Ficção Científica
ANO 20 – Número 122 – MAIO 2010



JUVENATRIX – Amaldiçoado pelo Horror e Metal Extremo, em circulação desde Janeiro de 1991, com 3.276 páginas de publicação

Editor – **Renato Rosatti**
Capa – **Dimitri Kozma** / **Contra capa** – **Joelmo Nunes Machado (2x)**

Blogs: www.infernoticias.blogspot.com & www.juvenatrix.blogspot.com
E-mail: renatorosatti@yahoo.com.br

Lançamento dessa edição: 28/05/2010 – São Paulo/SP
Distribuição gratuita – Solicite o envio por e-mail

"Metal and blood come together as one" **(Exodus, Estados Unidos)**

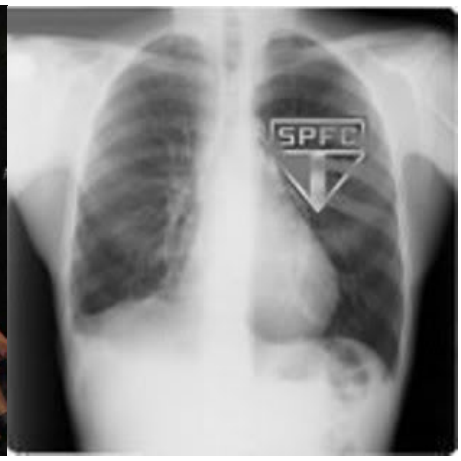
EDITORIAL

Em 16/04/10 a cultuada banda sueca de Black Metal "**Marduk**" (foto) esteve novamente em São Paulo ("Hangar 110"), numa devastação sonora memorável. Meus ouvidos estão zunindo até agora... **Set list**: "With Satan and Victorious Weapons", "On Darkned Wings", "Into Utter Madness", "Panzer Division Marduk", "Still Fucking Dead (Here´s No Peace)", "Beyond the Grace of God", "Materialized in Stone", "Phosphorous Redeemer", "Azrael", "The Levelling Dust", "Baptism by Fire", "The Redirect Perdition", "Steel Inferno", "Throne of Rats".

Em 15/05/10 o "Espaço Victory", no bairro da Penha em São Paulo/SP, recebeu a visita dos ingleses do "**Napalm Death**" e americanos do "**Suffocation**", que demoliram o local com seu metal extremo. Se meus ouvidos já estavam zunindo por causa do "Marduk", agora ensurdeceram de vez...

Em 16/05/10, perdemos um ícone do Metal mundial, o americano **Ronnie James Dio**, de bandas como "Rainbow", Black Sabbath", "Dio" e "Heaven & Hell", vítima de câncer. Ele se foi, mas sua música permanecerá eterna...

E para finalizar, vai uma homenagem ao grande **São Paulo Futebol Clube**, sou tricolor paulista de coração...



HORROR & METAL EXTREMO

"The painful angels scream, sweet music to my ears" **(Dark Funeral, Suécia)**

"Excuse me my darling but the shadows are calling again" **(Marduk, Suécia)**

"I´m your Lord crucified. Come taste the blood from my wounds before I die" **(Hate, Polônia)**

"Walpurgis rites – Deadfucked to create. Walpurgis rites – Circulos Obscurus" **(Belphegor, Áustria)**

Música: The Birth of the Vampiir / Banda: Dark Funeral (Suécia)
Álbum: Angelus Exuro pro Eternus (2009)

Moonlight rays awaken me. From my eternal sleep. I am not alive, but I still breathe. I ask myself, "how can this be"? The feeling inside, is hard to describe. I feel strong but yet so weak. I walk into the night, with a hunger so strong. Something to eat I seek. "Pulses quicken, piqued by the scent of blood". Noooooooooooooooooooo!!! That's when I realize, I've become one of them. Cursed to live in darkness, never see the light of day. It's the birth of a vampiir - Strigoi! It's the birth of a vampiir - Strigoi! Moonlight rays awaken me. From my eternal sleep. I am not alive, but I still breathe. I ask myself, "how can this be"? I've become one of them. Never see the light of day. It's the birth of a vampiir - Strigoi! It's the birth of a vampiir - Strigoi! "Cursed to live in darkness, never see the light of day"

"Marduk" (Suécia) no "Hangar 110" (Bom Retiro) em São Paulo/SP no dia 16/04/10

"Napalm Death" (Inglaterra) e "Suffocation" (EUA), duas lendas do metal extremo mundial, em shows no "Espaço Victory" (Penha, São Paulo/SP) em 15/05/10

A veterana banda sueca de Death Metal “Grave” anunciou a capa e track list do álbum “Burial Ground” (2010)

Track list: Liberation / Semblance in Black / Dismembered Mind / Ridden With Belief / Conquerer / Outcast / Sexual Mutilation / Bloodtrail / Burial Ground

---

Está disponível a revista de metal extremo “Lucifer Rising” número 12, destacando entrevista com a lendária banda norueguesa “Dark Throne”

http://www.luciferrisingmag.com/lucifer/lucifermag/

O músico Ronnie James Dio morreu em 16/05/10, vítima de câncer no estômago

No dia **16 de Maio de 2010**, sua esposa, Wendy Dio, confirmou na página oficial do músico a morte de **Dio**, através da seguinte mensagem:

"*Hoje meu coração se despedaçou, Ronnie faleceu às 7:45 da manhã de hoje, domingo, 16 de maio de 2010. Muitos, muitos amigos e familiares puderam estar presente para se despedir antes que ele partisse. Ronnie sabia o quanto todos o amavam. Agradecemos o amor e apoio que vocês nos deram. Por favor, nos dêem alguns dias de privacidade para lidarmos com esta terrível perda. Por favor, saibam que ele amava a todos e sua música viverá para sempre*".

Dio faleceu por conta de um câncer estomacal diagnosticado em 2009. O cantor morreu aos 67 anos de idade em Houston, Estados Unidos.

NOTÍCIAS & DICAS & DIVULGAÇÃO

Divulgação de livro: "Selva Brasil", de Roberto de Sousa Causo

(Mensagem de divulgação)

Esta é uma história alternativa que imagina como seria o Brasil vinte anos depois da invasão militar brasileira das Guianas, na Fronteira Norte, segundo os planos megalomaníacos do Presidente Jânio Quadros. Simultaneamente, a Argentina invadiu as Ilhas Malvinas, no Atlântico Sul.

Contudo, uma coalizão formada pelos países atingidos pela ação militar brasileira – Inglaterra, França e Holanda – e os Estados Unidos contra-atacaram e empurraram os soldados brasileiros de volta, ficando com um bom pedaço da Amazônia Brasileira.

Desde então instalou-se um conflito permanente na região, com o Brasil e aliados latino-americanos lutando para retomar o território perdido e manter sob controle uma guerrilha patrocinada por aqueles países do Primeiro Mundo. É um Brasil completamente diferente do nosso, contido política e economicamente por esse conflito perpétuo, e com gerações de jovens brasileiros comprometidas com o conflito.

Amparada por uma pesquisa cuidadosa, *Selva Brasil* acompanha um grupo de soldados que – ao seguir para um ponto anônimo do Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa, onde devem substituir uma outra unidade do Exército Brasileiro – se depara com desertores e com um plano secreto para romper as regras de engajamento que limitam o conflito na região.

Ao mesmo tempo, esses homens são confrontados com um estranho experimento militar que, indo além dos parâmetros do seu projeto, pode ter aberto um portal entre essa realidade paralela e a nossa.

ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Formado em Letras pela USP, é autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (1999) e *A Sombra dos Homens* (2004), dos romances *A Corrida do Rinoceronte* (2006) e Anjo de Dor (2009) e do estudo *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (2003). Seus contos apareceram em revistas e livros de dez países. Foi um dos classificados do Prêmio Jerônimo Monteiro e no III Festival Universitário de Literatura (com *Terra Verde* 2001); e ganhador do Projeto Nascente 11 de Melhor Texto, com *O Par: Uma Novela Amazônica* (2008).

SELVA BRASIL

Autor: Roberto de Sousa Causo. ISBN: 978-85-62942-07-5. Gênero: Literatura Fantástica. Formato: 14cm x 21cm. Páginas: 112 em preto e branco, em papel pólen bold 90g. Capa: Cartão 250g, laminação fosca, com orelhas de 6cm. Preço de capa: R$ 26,90.

EDITORA DRACO

Draco. Do latim, dragão.

A Editora Draco trabalha para fortalecer e patrocinar o imaginário brasileiro, tão nosso e único. Queremos publicar autores brasileiros, aliando design, ilustrações e tudo o que for possível para que nossos leitores sejam atraídos pela beleza das histórias e personagens que nossos livros trazem.

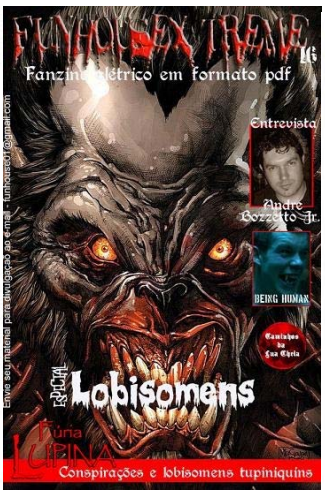
Com isso, esperamos que nossos leitores tenham acesso ao nosso maior tesouro: a literatura fantástica brasileira.

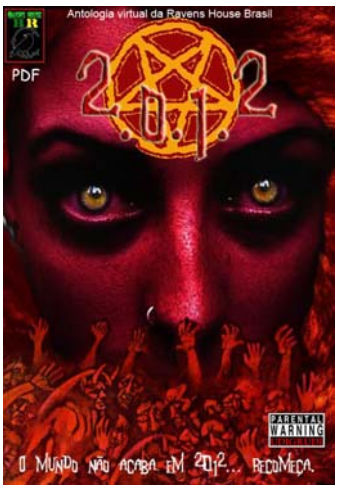
Assessoria de Imprensa: A/C Erick Santos e Karlo Gabriel – editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com / draco@editoradraco.com / editoradraco@gmail.com

---

A “Raven´s House Brasil” lançou os e-zines: “Fun House Xtreme 15”, “Fun House Xtreme 16 – Especial Lobisomens”, “Flores do Lado de Cima – edição especial em parceria com o site Estronho”, “Flores do Lado de Cima 13 – edição especial Mulheres”, e a antologia virtual “2.0.1.2.”, todos com download gratuito





FUN HOUSE XTREME 15
http://www.4shared.com/file/QN3igs5D/FUN_HOUSE_XTREME_15.html

FUN HOUSE XTREME 16 – ESPECIAL "LOBISOMENS"
http://www.4shared.com/file/zE-qDrit/FUN_HOUSE_XTREME_16.html

FLORES DO LADO DE CIMA – ESPECIAL "ESTRONHO"
http://www.4shared.com/document/mRhy4W_j/Flores_Especial.html

FLORES DO LADO DE CIMA 13 – ESPECIAL "MULHERES"
http://www.4shared.com/file/9ywUdKI8/FLORES_DO_LADO_DE_CIMA_-_13.html

Mistérios demoníacos e criaturas abissais esperam por vocês nas páginas da antologia virtual "**2.0.1.2**".
http://www.4shared.com/document/zFne5ELQ/2012__Antologia_RHB_2010.html

---

Está disponível a revista eletrônica "R.I.P. – Read in Peace" número 1, de M. D. Amado

Saiu a revista eletrônica do site "Estronho": "R.I.P. - Read In Peace".

A Edição #01 traz contos de Camila Fernandes, Glaucia Piazzi, Luciana Fátima, M. D. Amado, Richard Diegues, Rita Maria Felix e Shirlei Massapust. Também neste número você vai encontrar causos e lendas publicadas no início do "Estronho", em 1999. Vai cohecer Marius Arthorius, um autor cara de pau que aceitou dar a sua cara a tapa na seção que vai trazer sempre novos autores e poetas que querem divulgar seus trabalhos.

Além disso, você poderá GANHAR SEIS LIVROS na promoção da R.I.P. em parceria com a escritora e organizadora Georgette Silen.

Baixe o primeiro exemplar no: **http://www.estronho.com.br/downloads.html?func=download&fileid=6**

Divulgação de evento: "5º CineFantasy", de 31/08 a 12/09/10 em São Paulo/SP

Estão abertas as inscrições para a quinta edição do Cinefantasy – Festival Curta Fantástico. O evento acontece anualmente na capital paulista e traz em sua programação mostras competitivas internacionais para curtas e longas-metragens, além de mostra paralela onde são exibidas retrospectivas sessões temáticas, tributos, premières, encontros entre fãs, bate-papos com convidados brasileiros e estrangeiros, palestras, workshops e oficinas.

Para maiores informações baixe aqui o release do festival.
http://www.4shared.com/document/jt58iZsU/5_CineFantasy_-_Release.html

Evento internacional, o Cinefantasy é destinado ao cinema fantástico: ficção científica, horror e fantasia.
Estão abertas as inscrições para a quinta edição do Cinefantasy – Festival Curta Fantástico. O evento acontece anualmente na capital paulista e traz em sua programação mostras competitivas internacionais para curtas e longas-metragens, além de mostra paralela onde são exibidas retrospectivas, sessões temáticas, tributos, premières, encontros entre fãs, bate-papos com convidados brasileiros e estrangeiros, palestras, workshops e oficinas. As inscrições podem ser feitas no site **www.cinefantasy.com.br**.

Em 2009, o Cinefantasy exibiu mais de 160 filmes em três espaços da cidade, Cine Olido, CCBB e Biblioteca Viriato Corrêa. Entre os títulos do programa estavam Shadow, do diretor e músico italiano Federico Zampaglione, o horror tailandês The Forbidden Door, ganhador de melhor filme no festival Puchon, e a premiada ficção científica francesa 8th Wonderland.

Como convidados o festival trouxe nomes de peso como o mestre do terror brasileiro, Ivan Cardoso, e o diretor britânico Marc Price, responsável pelo filme Colin, que custou 74 dólares e fez burburinho em Cannes e Fantasporto.

A mostra competitiva, até então apenas para curtas-metragens, cresceu ainda mais em 2009. Foram quase 200 inscrições que vieram de todo o mundo e as oito sessões de uma hora cada, previstas para a programação, tiveram que ser aumentadas para dez sessões com 1h30 cada. Com isso, foi possível acomodar os 80 filmes que lutaram para conquistar os 12 troféus "Corpo Seco de Ouro".

As inscrições para as mostras competitivas e o Desafio Mestre dos Gritos vão até dia 11 de junho de 2010.

Para maiores informações, ficha de inscrição e regulamento acesse o site **www.cinefantasy.com.br**

A "Editora Jupiter II" está lançando a revista em quadrinhos "Boca do Inferno.Com" # 6

(Mensagem de divulgação de José Salles)

Amigos & amigas, na praça mais um horripilante número de "**Boca do Inferno.Com**", apresentando grandes artistas do cenário brasileiro dos Quadrinhos.

Esta edição apresenta com destaque "Penitência", a formidável personagem criada por Marcos Franco, aqui numa história acachapante escrita pelo próprio Franco, e ilustrada com deslumbrante traço de Jáder Correia.

E mais: "Zumbi", escrita pelo grande Gian Danton e ilustrada com a categoria de E. Thomaz; "Superstição", escrita e ilustrada por Marcos Valério Alves David; e uma HQ ilustrada pelo mestre dos Quadrinhos José Menezes, especialmente para esta edição, adaptação de um conto de Marcel Proust: "O Estrangeiro".

De quebra, ilustrações de José Nogueira e artigo de Renato Rosatti sobre o filme "O Castelo do Pavor".

A excelente ilustração de capa é de Jáder Correia.

Pedidos: **smeditora@yahoo.com.br** (**A/C José Salles**)

Os contos do concurso literário "FC do B" estão disponíveis para leitura

Está disponível para leitura, no site da BOOKESS, a coletânea de contos selecionados na primeira edição do "Concurso Literário FC do B".

http://www.bookess.com/read/3349-fc-do-b-panorama-20062007/

Concurso Literário FC DO B - Ficção Científica Brasileira – "Ajudando a escrever a História da FC Brasileira"

Site: **www.fcdob.com** / Email: **fcdob_concurso@yahoo.com.br**

Está disponível a edição 102 do fanzine "Quadrinhos Independentes"

Está disponível a **edição 102** (Março / Abril de 2010) do fanzine "**Quadrinhos Independentes**", editado por **Edgard Guimarães**, com 24 páginas, formato meio ofício e impressão digital.

Conteúdo: quadrinhos, artigos, anúncios, seção de cartas dos leitores e divulgação de fanzines.

Contatos: A/C Edgard Guimarães – fone 35-3641-1372 (sábado e domingo)

Rua Capitão Gomes 168 – Brasópolis/MG – CEP 37530-000 – e-mail: **edgard@ita.br**

CONTOS

Falta de Sol

por Geraldo de Fraga

Eu almoçava em casa nas quartas-feiras. Quase sempre, macarrão e almôndegas. Saía da faculdade, comia e depois ia para o jornal, onde eu estagiava. Era sempre a mesma rotina. Felizmente, não naquele dia. Eu me atrasei. Perdi o ônibus ou parei para falar com alguém, sei lá, não me lembro. O importante é que eu cheguei dez minutos além da hora de sempre. Da esquina, eu vi o carro preto estacionado em frente ao meu prédio. Dois homens estavam parados ao lado dele, olhando ao redor, desconfiados. A janela do meu escritório, aquela que eu não abro em hipótese alguma, estava escancarada. Abaixei a cabeça, fingi que olhava para meu relógio de pulso, e dei meia volta.

Assim que dobrei a esquina, corri. Mas depois diminuí o passo, e apenas andei um pouco mais rápido, com medo de levantar suspeita. Sem perceber, eu estava correndo de novo. Eu estava totalmente em pânico. Corria, depois andava a passos largos, depois andava devagar, mas não parei um minuto. Atravessei boa parte do bairro até que, exausto, parei para tomar ar.

Eu estava na parte velha da cidade. Havia um prédio antigo, com as paredes rachadas e sem pintura. Motel Aurora dizia a placa de madeira. Entrei e pedi um quarto ao gordo que estava na recepção. Sob suas ordens, paguei adiantado e fui para o quarto de número 114, o último do corredor do primeiro andar.

Deitei-me exausto na cama que cheirava a mofo. Minha respiração ainda estava ofegante, mesmo tendo parado de correr há um certo tempo. O ventilador de teto fazia um barulho insuportável. Alguns minutos depois, assim que recomecei a respirar normalmente, acendi um cigarro. Nessa época eu fumava um maço por dia, ou mais.

O ano era 1972. O país vivia os chamados "anos de chumbo da ditadura". O governo promovia uma verdadeira caça a comunistas, estudantes e jornalistas. E eu era os três de uma vez só.

Não me lembro quanto tempo fiquei naquele quarto. Meus pensamentos se perdiam por histórias de amigos seqüestrados pelo Dops e torturados nos porões. Uns desaparecidos, outros encontrados sem vida.

Quando escureceu, eu desci e fui até um orelhão do outro lado da rua. Antes, porém, fiquei alguns minutos na janela observando se havia alguém suspeito no local. Assim que saí do hotel, comprei um pacote de fichas telefônicas, com os últimos trocados que eu tinha, e liguei para a única pessoa que podia me ajudar.

- Alô? – disse Hélio.
- Sou eu – falei, tendo certeza que ele reconheceria minha voz.
- Caralho, Tales – gritou ele. – Ainda bem que você fugiu.
- Você soube o que houve?
- Claro. Também prenderam Carlitos e Gerinha.
- Não tenho pra onde ir – eu disse.
- Onde você está?
- Motel Aurora. Sabe onde fica?
- Me diz o endereço. Vou buscar uma caneta.

Entreguei as chaves do quarto e fiquei esperando Hélio na calçada do Motel. Seu fusca amarelo encostou próximo a mim, por volta das oito da noite. Eu estava um pouco mais aliviado, mas ainda tenso. Minhas pernas doíam.

- Deve ter sido um susto e tanto, hein? Eles viram você? – perguntou ele, assim que eu entrei no carro.
- Não. Eu os vi primeiro e corri. Devem ter quebrado tudo no meu apartamento.
- Tenho um lugar pra você ficar.
- Não tenho dinheiro comigo. Nem roupas – expliquei.
- Eu tenho um apartamento no subúrbio. Bairro bom. Você pode ficar lá. Mas ninguém pode saber. Não confio nos vizinhos. Deixe o resto comigo – disse Hélio. Ele tinha a desagradável mania de bater os dentes, sempre que terminava uma frase.
- Tudo bem – respondi.

Paramos em um semáforo. Abri a janela e acendi um cigarro.

- Mas você precisa saber. Tem outra pessoa lá. Escondida também – disse ele, batendo os dentes.
- Eu conheço?
- Não é da militância.
- Então por que está escondido? – perguntei.
- Outra coisa. Não se preocupe. Ele não é bandido. Fique na sua e ele fica na dele.

- Tudo bem – concordei. Afinal, que opção eu tinha?

O semáforo ficou verde e Hélio acelerou. Me lembro que eu ficava o tempo todo olhando pelos retrovisores para ver se estávamos sendo seguidos. Hélio dobrou à esquerda, numa rua estreita e parou em frente a um pequeno edifício de quatro andares. Era um prédio bonito e bem pintado, parecia ter sido construído há pouco tempo. Hélio desceu do carro e fez sinal para que eu o seguisse.

A rua estava deserta. Ele abriu o portão sem fazer barulho. Caminhamos rápido através do estacionamento e entramos no hall do edifício. Subimos de escada, dessa vez bem devagar, até o quarto andar. As luzes do corredor estavam apagadas, então seguimos tateando as paredes. Hélio não demorou muito para achar a porta. Girou a chave e me puxou para dentro do apartamento pela manga da camisa.

Era um espaço pequeno, pelo que me lembro hoje, mas parecia grande já que tinha poucos móveis. Para falar a verdade, quase nenhum. Uma sala apenas com um sofá velho. Tenho dores de coluna só de me lembrar dele. À esquerda da porta, logo no início do corredor, ficava a cozinha, onde ficava o enferrujado fogão de quatro bocas e a velha geladeira amarela. O corredor se estendia por uns cinco metros até uma porta.

Hélio caminhou até lá e pôs o ouvido na porta. Em seguida, abaixou-se e enfiou um envelope por debaixo.

- Ele não está – disse ele, vindo em minha direção – O quarto da empregada fica depois da cozinha. Está cheio de troços lá, mas você pode usar o banheiro.
- Onde eu durmo? – perguntei
- Lá – respondeu Hélio apontando para o sofá.

Havia duas almofadas, que depois pude conferir que não eram tão macias como pareciam. E ainda cheiravam a mofo.

- Vou comprar algumas coisas para você. Comida, água mineral, papel higiênico, essas coisas – disse Hélio, entre uma batida de dente e outra.
- Seu amigo não tem nada em casa?
- Acho que não.
- Obrigado, Hélio – agradeci, antes que ele saísse.
- Vou levar a chave. Volto logo.

Ele sorriu e foi embora. Aquela foi a última vez que eu o vi.

Sentei-me no sofá, tirei os sapatos e estiquei as pernas. Não demorou muito e eu voltei a ficar de pé. Fazia um calor estava insuportável. Fui até a janela da sala, mas não consegui abri-la. Nem sei se posso chamar aquilo de janela. Se bem que ela foi isso algum dia. Naquele momento era uma armação de ferro e vidro (pintado de preto pela parte de dentro) grudada na parede. Não havia jeito de abri-la. Voltei ao sofá e me deitei. Mesmo com o calor que fazia, fui vencido pelo cansaço e dormi.

Dia 2

Acordei às oito e meia da manhã. Passei pela cozinha e fui até o banheiro do quarto da empregada. Dei uma longa mijada matinal. Achei uma toalha pendurada atrás da porta e tomei banho usando um resto de sabonete.

Reparei que havia algumas caixas de papelão espalhadas pelo quarto, mas não dei muita atenção naquele momento. De volta à cozinha, abri a geladeira amarela. Tinha apenas uma garrafa de água, nada mais. Lavei um dos copos que estava na pia, um daqueles de extrato de tomate, e então bebi a água.

Quando eu já estava caminhando de volta ao sofá (ainda estava com sono), me lembrei do outro hóspede. Fui caminhando até o seu quarto e colei o ouvido na porta. Não havia som algum. Bati, mas ninguém respondeu. Pensei em chamá-lo, mas então me dei conta que não sabia o seu nome.

Desisti e voltei ao sofá. Me deitei e dormi por mais duas horas. Quando acordei estava com uma fome animal. Assim que me levantei fui até a cozinha, na esperança de procurar alguma coisa. Mas não tinha nenhum lugar para vasculhar. Nenhum armário sequer. Nada além do fogão e da geladeira amarela.

Então, me lembrei das caixas no quarto da empregada. Bem verdade que eu achei bem remotas as minhas chances de encontrar comida lá, mas era o único lugar onde eu podia olhar. Fui até o quarto e comecei a abrir as caixas de papelão. Todas elas estavam fechadas com fita adesiva. Voltei até a cozinha e peguei uma faca na pia. Cortei as fitas. Nada de comida, apenas livros. Vários e vários livros. Estava tão nervoso que nem notei quais títulos eram.

Voltei ao sofá e me deitei. Eu tinha fome, muita fome. Mas eu fiquei com medo de arrombar a porta, o que com certeza chamaria a atenção dos vizinhos. Se eu acreditasse em Deus, teria rezado. Acendi um cigarro e fiquei pensando onde Hélio estaria. Tive um calafrio. Inconscientemente eu sabia que ele não ia voltar.

Permaneci estático no sofá, durante todo o dia. Claro que às vezes eu me levantava para esticar as pernas, beber água e, consequentemente, ir ao banheiro. Eu enchia a barriga de água e fumava para espantar a fome. Mas eu não comia há mais de vinte e quatro horas. Água não ia adiantar sempre. Água e cigarros me trouxeram azia. Vomitei duas vezes, então decidi deixar os cigarros de lado.

A situação ainda ficava pior por conta do calor. A janela da sala não abria e não havia nenhuma outra no apartamento inteiro. Minha cabeça coçava, minha barba coçava. Tirei camisa e as calças. Me lembro que minha cueca estava encharcada de suor e grudava em meu corpo.

Aquele dia pareceu durar quarenta, talvez cinqüenta horas. Admito que em algumas vezes pensei que fosse morrer. Talvez não naquele dia, mas pouco tempo depois. Hélio não voltaria e eu iria morrer de fome.

Saltei do sofá e fui até a porta. Forcei a fechadura e vi que ela era dura. Ia dar trabalho, mas eu ia ter que arrombar. Eu tinha que sair dali urgente, não aguentava mais. Dei dois passos para trás e corri em direção a porta. Bati nela usando o ombro

direito. Não fez estrago algum e eu caí no chão me contorcendo de dor. Desisti de usar o ombro, se eu quebrasse alguma parte do corpo minha situação ia piorar consideravelmente.

Fui até a cozinha procurar algo que me ajudasse a quebrar a fechadura. Nada. Havia algumas panelas na pia, mas nada forte o suficiente. Nada no quarto da empregada, também. Nem no banheiro. Voltei para o sofá e me sentei de novo.

Nesse instante um barulho veio do corredor. Uma fechadura girou e uma porta se abriu. Rapidamente, vesti minhas calças. Fiquei esperando silenciosamente, sentado e com as mãos sobre os joelhos. Os passos foram ficando mais próximos, até ele aparecer na sala.

- Thales? – perguntou ele, se encostando na parede.
- Sim. Como sabe meu nome?

Ele vestia uma calça boca de sino verde escura e uma camiseta preta com um símbolo hippie. Era alto e branco. Os cabelos muito longos, passando dos ombros. Não usava barba. O rosto alongado e o nariz fino. Ele tirou um envelope do bolso da calça e tocou fogo nele com um isqueiro. A fumaça subiu e o cheiro se espalhou pelo apartamento.

- Foi o envelope que Hélio passou pela sua porta? Eu queria ter lido – eu disse.
- A carta era pra mim. Eu já li e sei de tudo – respondeu ele, com um sorriso.
- Quando você chegou? Eu não te vi entrar.
- Você estava dormindo – ele me disse. – Não quis acordar você.

Ele não parava de sorrir. Era insuportável ficar vendo aquilo, do jeito em que eu estava.

- Você tem comida aí? Não como desde ontem de manhã.
- Fique aí. Vou ver o que posso fazer.

Ele caminhou de volta para o corredor. Eu me levantei e vi quando ele entrou de novo em seu quarto. Caminhei até lá e coloquei o ouvido na porta. Nenhum barulho. Rodei a maçaneta. Estava fechada.

Voltei para o sofá e fiz a única que podia fazer. Esperei.

Meia hora depois, mais ou menos isso, ouvi a porta do quarto sendo destrancada. O sujeito vinha caminhando rápido. Ele surgiu na sala com algumas sacolas na mão e aquele sorriso insuportável no rosto.

Eu me levantei e o segui até a cozinha. Ele esvaziou as sacolas em cima da pia. Um saco de pão, uma barra de queijo e duas garrafas de refrigerante. Ele colocou as garrafas na geladeira e me disse para esperar um pouco, pois estava quente.

- Vou voltar para o quarto. Espero que isso dê para hoje – falou.
- Sim. Muito obrigado – respondi.

Ele voltou para o quarto. Fiquei parado ouvindo seus passos se distanciando e, em seguida, a fechadura sendo trancada. Pensei que ele deveria ter sua própria cozinha naquele quarto. Depois, devorei quatro ou cinco sanduíches de queijo.

Guardei a comida na geladeira e, com uma garrafa de refrigerante na mão, caminhei até o sofá. Enquanto bebia, imaginei o que aquele sujeito fazia sozinho, trancado naquele quarto. Assim que terminei o refrigerante, pus a garrafa no chão e me deitei. Com a barriga cheia, peguei no sono.

Dia 3

Não sei que horas acordei, pois quando olhei para o meu relógio ele havia parado. Os ponteiros estáticos marcavam onze e quarenta do dia anterior. Me levantei e fui até a janela. A pintura preta não deixava nenhum raio de luz entrar no apartamento. Fui até o quarto do meu "amigo" e coloquei o ouvido na porta. Nenhum som.

Depois de ir ao banheiro, peguei o pão e o queijo na geladeira e fiz mais dois sanduíches. Voltei para a sala. Minha coluna doía e eu sabia que era por causa do sofá. Me deitei no chão, de barriga para cima. Tentei ficar em uma posição que me mantê-se reto. Alguns minutos depois, a dor passou um pouco.

Não me lembro muito bem o que eu fiz naquele dia. Comi uns pedaços de queijo puro e, na hora em que suspeitei ser a hora do almoço, comi mais um sanduíche e bebi a segunda garrafa de refrigerante. Depois tomei banho e me vesti de novo com a mesma roupa que eu usava há dois dias.

De vez em quando eu ia até a porta do quarto do meu "amigo". Colava o ouvido lá e nunca ouvia nada.

Em uma das minhas idas ao banheiro, atentei para as caixas de papelão. Tirei os livros um por um. A maioria dos exemplares era de romances baratos vendidos em bancas de revistas. Novelas amorosas para donas de casa. Havia alguns clássicos impressos em edições econômicas. Peguei um exemplar de Um Estudo em Vermelho, de Arthur Conan Doyle, e voltei para o sofá. Confesso que fiquei um pouco aliviado naquele momento. Enfim, eu tinha conseguido um passatempo que não envolvesse ouvir atrás de portas.

Li durante horas, mas vencido pelo cansaço, dormi com o livro sobre meu peito. Acordei com um toque gelado em minhas mãos e me levantei assustado. Foi visível o constrangimento do meu "amigo".

- Desculpe – disse ele, parado ao meu lado. Trazia algumas sacolas nas mãos.
- Tudo bem – respondi, me sentando no sofá. – Peguei um dos seus livros. Espero que não se importe – mostrei o exemplar a ele.
- Não é meu. Já estava aí quando eu cheguei. Deve ser de Hélio.
- Pode ser – falei, enquanto me levantava.
- Não – intimou ele, pondo a mão em meu peito. O toque gelado como da outra vez. – Já que falamos de Hélio, você precisa saber de uma coisa.

Sentei-me de volta, já esperando pelo pior. E ele veio. Sem aquele rotineiro sorriso insuportável no rosto, ele me disse que Hélio havia desaparecido. Pelo que ele me contou, na mesma noite em que havia me deixado aqui. Ele só falou isso, disse que não tinha mais informações.

- Trouxe mais coisas pra você – disse ele, me puxando pelo braço até a cozinha.

E então esvaziou as sacolas em cima da pia. Seis carteiras de cigarro, um pacote de café, um saco de pão e papel higiênico. Na geladeira, iogurte, maças, mortadela e mais garrafas de refrigerante.

- Por que está me ajudando? – perguntei.
- Hélio me pediu. Lembra do envelope?
- Nem sei seu nome.
- Pablo – respondeu ele, sorrindo, estendendo a mão para que eu a apertasse.

Sua pele era muito fria. Em seguida, voltou ao corredor e caminhou silenciosamente para seu quarto. Dessa vez, eu não o segui. Comi e voltei a dormir.

Dia 4

No outro dia acordei decidido a fazer alguma coisa. Isso porque algumas idéias me tomaram de assalto. A polícia podia descobrir sobre aquele apartamento de Hélio e vir aqui. Eu também precisava saber o que fizeram no meu apartamento. Todas as minhas coisas, meus livros, discos, roupas. Pablo saía na rua o tempo todo, então tinha uma chave e eu ia pedir ela para fazer uma cópia.

Fui até seu quarto. Bati na porta e chamei. Ele não respondeu. Girei a maçaneta e sacudi a porta. Ouvi uma voz. Um som alto e distorcido, como se tivesse saído de um microfone.

- Pablo? – chamei, encostando o ouvido na porta.
- Vá embora – gritou ele lá dentro.

Sua voz era diferente. Não sei explicar, era como um grunhido. Eu caminhei de volta a sala, olhando para trás desconfiado. Resolvi que era melhor esperar ele sair do quarto. Mas a rotina de sofá, cozinha e banheiro estava me matando. O ar não circulava pelo apartamento, e as dezenas de cigarros que eu fumava a cada dia estavam contribuindo para a poluição local. Me deitei no chão, para aliviar minha coluna que já incomodava de novo, e li o que restava de "Um Estudo em Vermelho".

Dessa vez eu não dormi enquanto lia. Estava bem acordado quando ouvi a porta sendo destrancada.

- Precisa de alguma coisa? – perguntou Pablo.
- Que horas são?
- Sete da noite – ele respondeu.
- Eu tenho que sair. Tenho que ver como estão as coisas.
- Tem certeza? Está faltando alguma coisa?
- Faltando alguma coisa? – eu falei. – Sim, está faltando a minha vida. Eu não posso mais ficar aqui. Tenho que ir agora.
- Tudo bem, Thales – disse ele.
- Preciso que abra a porta pra mim – falei.

Ele ergueu a sobrancelha e coçou a cabeça. Então, com aquele sorriso típico, disse que havia perdido a chave.

- Então vamos lá no seu quarto procurar – eu disse, me levantando e caminhando em direção ao corredor.
- Volte – gritou ele, com a mesma voz gutural de antes.

Eu parei instantaneamente. Ele segurou delicadamente em meu braço e me puxou para perto do sofá. Reparei que ele estava querendo que eu sentasse, então o fiz.

- Vai me prometer uma coisa – ele disse. – Nunca entre no meu quarto. Nunca – continuou antes que eu pudesse dizer que prometia. Entendi que aquilo não era um pedido, era uma ordem.
- Certo. Mas eu preciso da chave, agora.

Ele foi até o quarto e, após alguns segundos, voltou com um grampo de cabelo. Habilmente, como só se vê em filmes, ele abriu a porta. De repente, tive medo. Um pânico súbito tomou conta de mim, parecia que algo terrível iria acontecer no exato instante em que eu colocasse os pés fora daquele apartamento. O corredor às escuras parecia um buraco negro ou um abismo sem fundo. Eu forcei um passo, mas não consegui me mexer. Pensei nos homens parados em frente ao meu apartamento e me imaginei sendo perseguido por aquele carro preto.

- Eu não posso. Tenho medo de sair – desabafei.
- Me diga o que eu posso fazer por você – disse Pablo, puxando a porta de volta e trancando a fechadura com o grampo de cabelo.

Eu disse a ele. Disse tudo que eu precisava. Ele tomou nota em um pequeno caderno e saiu. Pelo lado de fora, ele trancou a porta com o grampo. Eu me deitei no sofá e esperei. Esperei por muito tempo, até adormecer.

Dia 5

Acordei assustado. Sonhei com alguma coisa que não me lembro, mas que me deu medo. Me levantei, já chamando por Pablo. Ele não respondeu. Achei melhor não ir até seu quarto. Então fui à cozinha preparar um café. Notei um relógio de pulso em cima da pia. Estava funcionando e marcava onze horas da manhã. Coloquei o relógio no bolso e voltei para o sofá com uma xícara de café e um sanduíche de mortadela. Usei o resto do dia para terminar de ler o livro.

Assim que meu novo relógio marcou sete da noite, Pablo saiu do quarto. Quando ele me viu sentado no sofá, abriu seu sorriso.

- Gostou do presente? – perguntou ele, olhando para o relógio. – Deixei ontem, antes de sair. Você nem notou – Ele trazia novamente algumas sacolas nas mãos.
- Sim, gostei. Obrigado – respondei.

Ele sentou-se ao meu lado e colocou as sacolas no chão. Eu comecei a remexes nelas. Minhas roupas, meu barbeador, sabonetes e uma edição do Correio Recifense que eu pedi para ele comprar.

- Foi difícil entrar no meu apartamento? – perguntei.
- Não. Sou bom nisso. Ninguém me viu.
- E como estava lá?
- Bom... quebraram tudo, como você previa. Suas roupas estavam espalhadas, mas eu catei algumas. Ah, e eles colocaram algumas fitas da polícia na porta para lacrar o local – ele explicou.
- Você achou o dinheiro?

Pablo tirou um envelope de dentro do bolso da sua jaqueta jeans e me entregou. Era todo o apurado que eu tinha conseguido com as doações dos novos adeptos do Partido Comunista. Não era meu, mas eu teria que usá-lo.

- Você escondeu bem – disse Pablo. – Agora tenho que ir – ele se levantou.
- Obrigado por tudo – agradeci. – Quanto eu te devo?
- Deixe disso. Não comprei essas coisas com meu dinheiro. Hélio deixou umas notas no envelope que ele passou por debaixo da porta.
- Tudo bem. Mas preciso saber uma coisa.

Eu me levantei e o encarei.

- Quem é você? – perguntei.
- Isso faz diferença? – Ele não pareceu surpreso com a pergunta. Manteve seu sorriso de sempre.
- Você fica no quarto o tempo todo. O que você faz lá? Eu não aguento ficar aqui dentro e você parece não ligar em ficar naquele quarto.
- Deixe isso pra lá – e então, ele me deu às costas e seguiu em direção ao corredor.

Tomei um banho decente e fiz a barba. Depois, enquanto comia, folheie o jornal. Nenhuma notícia da ação do Dops, nem sobre os desaparecidos. Caralho, e era o jornal no qual eu trabalhava. Fascistas filhos da puta.

Passei o resto da noite bebendo refrigerante e fumando. Achei um exemplar de Alice no País das Maravilhas e fiquei lendo. E então, dormi.

Dia 6

Acordei com alguém batendo na porta. Meu coração quase saiu pela boca. Me levantei num pulo só, mas felizmente não fiz barulho. Alguém rodou a maçaneta. Fiquei parado por alguns segundos, sem saber o que fazer. Então caminhei bem devagar até a porta. Me encostei com cuidado e olhei pelo olho mágico.

- Não tem ninguém, dona Ester – disse um senhor de idade, vestido com uma farda marrom.
- Mas eu vi. E ele entrou nesse apartamento. Acha que eu estou louca? – perguntou a velha.
- Claro que não, senhora – respondeu o senhor.
- Arrombe a porta – ordenou a velha.
- Não posso fazer isso. Arrombamento é crime.

A velha resmungou e foi embora. O senhor de marrom a seguiu. Eu, enfim, pude respirar aliviado. Olhei para o relógio e eram cinco da manhã. Voltei para o sofá e dormi.

Me levantei por volta do meio-dia e mantive minha rotina de tédio. A situação já estava insuportável, e eu buscava coragem para ir embora dali de uma vez por todas. Eu tinha dinheiro agora, só faltava coragem.

O resto do dia prosseguiu sem mais novidades. Ninguém bateu na porta, para o bem de todos. Fiquei pensando no que a velha tinha falado. Será que ela tinha visto Pablo?

Meu relógio de pulso marcava sete da noite. Já era hora dele aparecer. Eu estava na cozinha descascando uma maça. Eu nunca fui bom com facas. Ela deslizou através da fruta e abriu um talho na ponta do meu dedo esquerdo. Que eu me lembre, até que não doeu muito, mas o corte, apesar de pequeno, sangrou bastante. Eu coloquei a mão embaixo da torneira, e a pia ficou completamente vermelha. Estava tão distraído que nem notei Pablo chegar.

- O que houve? – perguntou ele, assim que entrou na cozinha.
- Veja só a merda que eu fiz – respondi, lhe mostrando o dedo ensangüentado.

O sorriso sumiu do seu rosto e ele me deu as costas, saindo da cozinha. Eu o segui e vi quando ele voltava apressado para seu quarto.

- Pablo? – chamei.
- Limpe isso. Limpe tudo isso aí – ele gritou, antes de bater a porta atrás de si.

Eu limpei a pia e, em seguida, rasguei uma das minhas velhas camisas e enrolei no dedo.

- Pode sair agora – gritei do corredor.

Pablo abriu a porta e ficou parado lá. Ele ergueu o nariz e balançou a cabeça para os lados. Tive a estranha sensação que ele tentava farejar alguma coisa.

- Qual o seu problema, não pode ver sangue? – brinquei.
- Isso mesmo. Não posso ver sangue – ele respondeu, sorrindo.

Ele pegou uma garrafa de refrigerante e sentou no sofá. Eu o acompanhei, mas com uma xícara de café e um cigarro.

- Acho que alguém viu você – eu disse.
- Como assim.
- Uma velha e o zelador, eu acho que era o zelador, vieram aqui. Ouvi os dois conversando do lado de fora.
- Vou tomar mais cuidado – disse ele bebendo o resto do refrigerante num gole só. – Tudo bem com você? – perguntou.

- Por quê você sempre sai quando eu estou dormindo? – perguntei de supetão. Eu tinha acabado de formular a pergunta em minha mente e ela saiu quase no mesmo instante.
- Coincidência – ele respondeu, e foi em direção à cozinha.
- Eu vou embora – falei.

Pablo colocou a garrafa vazia na pia e voltou para perto de mim.

- Pra onde você vai?
- Qualquer lugar – respondi.
- Me avise quando for – disse ele, sorrindo.

Imaginei que o gato que Alice encontra no livro pudesse ter aquele sorriso cretino. E então, ele foi embora. Voltou para sua caverna, seu abrigo nuclear, ou qualquer merda que fosse aquele quarto. Eu estava sozinho de novo.

Dia 7

Acordei e fui direto ao banheiro. Tomei banho, comi e bebi um refrigerante. Só então reparei que no chão, ao lado do sofá, estava a edição do dia de O Correio Recifense. Quando eu comecei a trabalhar no jornal, me mandaram tirar uma foto para o crachá. Eu me lembro bem da fotografia, pois meu cabelo tinha saído meio pro lado, e todo mundo riu. Pois era essa mesma foto que estava na capa do jornal. A minha e as de vários amigos meus. Bem embaixo do título: Foragidos Políticos.

"Me avise quando for", Pablo tinha dito. Então fui até seu quarto. Pra variar, a porta estava trancada. Bati e chamei, mas desta vez ele não respondeu com sua voz distorcida.

Fui até a cozinha e peguei um garfo. Empenei as pontas dos lados e deixei apenas a do meio erguida. Fui até à porta e comecei a mexer na fechadura. Demorou um pouco, mas abriu. Eu fiquei surpreso, não achei que conseguiria.

Um ar quente saiu de dentro do quarto. O lugar era abafado, mais parecia um forno, e estava completamente às escuras. Não dava pra enxergar nada. Chamei Pablo, mas ele não respondeu.

Havia uma janela, também com o vidro pintado de preto. Mas essa, ao contrário da outra, não estava chumbada na parede. Eu destravei a tranca e o vidro correu fácil para o lado esquerdo. A luz do sol entrou. Fraca, o dia estava nublado. Era a primeira vez que eu via o sol em uma semana. Fiquei alguns segundo admirando a cidade e aproveitando o ar puro que vinha em forma de brisa.

Quando me virei, dei de cara com uma coisa que eu nunca esperava encontrar num quarto. Um caixão de madeira, não um caixão qualquer, um daqueles cheios de detalhes dourados e adornos. Bem no centro do cômodo como uma cama.

Claro que de imediato, todas as cenas de filmes de terror vieram em minha mente. Eu parei e pensei com calma. Pablo era o sujeito mais excêntrico que eu tinha conhecido em toda a minha vida. Era só parar para pensar nele, e se alguém me dissesse que ele dormia num caixão eu iria rir e acreditar.

Me abaixei junto ao caixão e bati nele. Chamei seu nome e nada. Bem devagar, eu levantei a tampa. Achei que seria mais pesada, mas aquela parte era feita de madeira fina.

Lá estava ele. Dormindo como uma criança. Seu rosto pálido, sem aquele sorriso de sempre. Eu devo ter me mexido ou mudado de posição. O fato é que os raios de sol, que antes estavam sendo bloqueados por mim, passaram e foram de encontro ao rosto de Pablo.

No instante em que eles o tocaram, sua pele entrou em chamas. Pablo abriu os olhos num desespero. Seus olhos não me encaravam. Eram duas bolas brancas, sem vida. Eu soltei a tampa do caixão e corri. Corri em direção a porta do apartamento e tentei abrir a fechadura com as mãos. Claro que não tive sucesso. Pablo, enfim, parou de gritar.

Eu fiquei sentado no chão, olhando para o corredor. Depois de alguns minutos, eu voltei até o quarto, fechei a janela e saí. Tive medo. Achei que Pablo iria me matar. E agora eu sabia que ele podia, se quisesse. Seria só uma questão de tempo. Eu fui para o sofá e esperei.

Na mesma hora de sempre, eu ouvi seus passos através do corredor. Passos pesados, tensos, apressados. Ele surgiu. Eu o olhei de baixo para cima, sentado no sofá. Havia uma mancha vermelha do lado esquerdo do seu rosto que ia da bochecha até a ponta do queixo. Nada de sorrisos desta vez. Ele me observava com indiferença.

- Eu pedi para você entrar no quarto – ele disse.

Seus caninos grandes e pontiagudos ficaram a mostra. Eu grudei no encosto do sofá. Não me lembro se pensei em alguma reação, mas acredito que não daria tempo. Em segundos, centésimos, milésimos, eu não sei, ele correu em minha direção e agarrou meu pescoço com sua mão direita. E então me ergueu o mais alto que pode. Ele só precisava forçar mais um pouco e teria quebrado meu pescoço. Eu pensei que ia morrer, mas ele me soltou. Eu caí no chão, sem ar. Quando consegui me levantar, não o vi mais.

Dias 8, 9 e 10

Não o vi mais pelos três dias que se seguiram. E eu ainda estava no apartamento. Não, não tive coragem de sair. Preferi ficar na companhia de um vampiro, do que encarar as ruas como um foragido. Eu sabia que Pablo não queria me matar, ele me deixou vivo. A polícia não ia ter a mesma atitude. Antes o apartamento do conde Drácula do que um porão do Dops.

Naqueles três dias, não houve sinal de Pablo. Logicamente, fiquei o mais longe possível da porta do seu quarto. Minha única "companhia" foi dona Estar que mais uma vez apareceu para bisbilhotar. Ela bateu na porta e mexeu na maçaneta. Eu a vi pelo olho mágico. Ela ficou parada por alguns segundos na entrada do apartamento, olhando desconfiada por cima dos óculos e então foi embora.

Dia 11

A comida tinha acabado. Só havia uma maçã e alguns pedaços de mortadela. Comi a maça no café da manhã e a mortadela no almoço. Eu tinha que ir embora, agora era definitivo. Estava sozinho e sem nada para comer. Fiquei deitado no sofá até anoitecer. Julguei que seria mais seguro sair bem tarde, quando todos os moradores estivessem dormindo. Nervoso, me levantei para cagar umas cinco vezes.

O relógio marcava onze da noite. Meia-noite seria a hora certa, eu pensei. Mas antes disso eu tive uma surpresa. A porta do quarto de Pablo se abriu. Em me levantei para ver. Ele vinha cambaleando pelo corredor escuro. A medida que foi se aproximando de mim, e consequentemente ficando mais visível por conta da luz da sala, eu vi que ele estava sangrando. Estava mais pálido do que antes e seus olhos eram aquelas grandes bolas brancas, como da outra vez. Ele falou alguma coisa, intercalada com sua respiração ofegante e desabou na minha frente. Havia cinco flechas de madeira cravadas em suas costas. Saía fumaça dos ferimentos e o cheiro de carne queimada infestou o ar. Eu me abaixei perto dele e tirei as flechas. Seu sangue escuro espirrou e sujou meu rosto. Um odor forte, que eu nunca tinha sentido e nunca senti outra vez.

Ele era pesado e não consegui carrega-lo, então o arrastei até o banheiro. Tirei sua camisa e o joguei embaixo do chuveiro. A água levou o sangue embora pelo ralo. A fumaça parou, e à medida que a água lavava o sangue eu via as feridas se fechando. Como se agulha e linhas invisíveis às costurassem. Em poucos segundos, haviam sumido. Eu o enxuguei e o arrastei até o sofá, onde o deitei de barriga para baixo.

Decidi ir até seu quarto, procurar alguma pista sobre o que tinha acontecido. A janela do quarto estava aberta. Olhei para a rua. Alguns homens, eu não tive certeza de quantos, andavam pela calçada do prédio. Instintivamente, dei um passo para trás e fechei a janela. O medo me tomou de assalto e eu torci para que eles não tivessem me visto.

Voltei para a sala, me sentei no chão e acendi um cigarro. Minha grande fuga tinha sido adiada.

Há cinco dias atrás eu não acreditava em vampiros, mas naquele momento eu me perguntava se eles podiam sonhar. Eles não estavam mortos? Não sei, mas mesmo mortos andavam e falavam. Sonhar não seria tão surpreendente assim. Pablo falava e gemia no sofá. Dizia palavras sem nexo. Sonho ou delírio?

Olhei para o relógio e vi que já estava perto de amanhecer. Eu não ia conseguir coloca-lo no caixão, então o cobri por inteiro com as minhas roupas. Eu me deitei no chão e dormi.

Dia 12

Assim que acordei, bebi três copos de água e acendi um cigarro, outra coisa que também estava no fim. O ócio e o tédio tinham me transformado num fumante ainda mais viciado.

Meu estômago roncou. Eu disse a mim mesmo que era azia, mas sabia que não era. Eu tinha fome e não havia mais comida.

Pablo continuava imerso na pilha de roupas. Ele agora não fazia nenhum ruído, nem se mexia.

Eu não podia ir embora e deixa-lo lá. Não sabia se ele iria acordar. Então resolvi descobri-lo. Ele aparentemente dormia, mas eu não o ouvia respirar. Se bem que isso não queria dizer nada, tendo em vista o que ele era. Passei o dia inteiro deitado no chão, ao seu lado, esperando algum sinal de recuperação. Pensei nos homens que eu tinha visto. Será que haviam sido eles que feriram Pablo? Podiam ser policiais também, a minha procura.

As horas se passaram. Lentas. A noite parecia durar uma eternidade. Eu estava nervoso. Tinha certeza de que algo de ruim ia acontecer. E eu nada podia fazer, a não ser esperar sentado no chão frio.

Meu relógio marcou 3 da manhã. Fui até o quarto de Pablo e abri a janela. Olhei atentamente lá pra baixo. Não havia ninguém rondando o prédio. Assim que me virei, quase meu coração sai pela boca. Eu não tinha ouvido Pablo chegar.

- Tem alguém aí fora? – Perguntou ele.
- Não.
- Feche a janela

Ele caminhou de volta a sala e eu o segui. As flechas que o feriram estavam espalhadas pelo chão do corredor e Pablo desviou delas. Ele sentou-se no sofá. Parecia exausto. Eu apanhei uma das flechas.

- Eu escapei por pouco – disse ele, com a cabeça entre os joelhos.
- Quem fez isso – perguntei, me sentando ao seu lado.
- Eles caçam pessoas, – falou ele, olhando pra mim. – pessoas como eu. Já tinha ouvido falar deles, mas não achei que viessem atrás de mim.
- Eles atiraram isso em você.

Eu lhe mostrei a flecha e menção de entregá-la. Ele se afastou de mim.

- Não posso tocar nisso. Queima minha pele – disse ele, fazendo sinal para que eu afastasse a flecha.

Joguei-a de volta ao corredor.

- Está indo embora? – perguntou, apontando para minha sacola com roupas.
- Preciso ir. A comida acabou. Só estava esperando você acordar.
- Pra quê? Queria se despedir – o sorriso, enfim, voltou ao seu rosto.
- Venha comigo – eu disse. – Vão achar você aqui.
- Não posso. Estou fraco, meus ossos doem como nunca doeram antes – ele se levantou. – E agora é tarde demais.
- Pra onde você vai, Pablo?
- Pro meu quarto – ele começou a andar, mancando.
- Eles sabem que você está aqui? Vão vir atrás de você?
- Sim.
- Então fuja comigo – eu me levantei. – Antes que eles apareçam.

- Eles já estão aqui – disse Pablo, antes de entrar no quarto.

A porta do apartamento foi colocada a baixo com uma explosão. A fumaça tomou conta do apartamento. Eu dei alguns passos para trás, até me encostar junto à janela. Não havia para onde correr, então ergui as mãos mostrando que me rendia.

Um homem surgiu por entre a fumaça. Ele estava armado com uma balestra e a apontava em minha direção. Eu via seus lábios se mexerem, mas não conseguia ouvi-lo. Meus ouvidos estavam apitando por conta da explosão.

Um segundo homem apareceu. Usava uma batina e trazia uma enorme cruz de madeira. Ele me mostrou a cruz e gritou alguma coisa. Eu estava estático sem conseguir falar nada.

- Não é ele – disse o padre, olhando para trás.

O terceiro homem já chegou me acertando um soco no estômago. Eu caí com as mãos na barriga. Ele também trazia uma balestra e a usou para golpear minhas costas.

Eu sempre pensei o que faria se algum dia fosse torturado pela polícia. Eu tinha medo de não agüentar e entregar meus amigos de bandeja. Mas naquele instante eu fui forte.

- Onde está o vampiro? – gritou o homem.

Eu não respondi. Ele me bateu de novo. Chutou meu rosto. Senti o sangue se espalhar na minha boca e escorrer pelos meus lábios.

Enquanto aquele me batia, os outros dois revistavam a cozinha e o quarto da empregada.

- Ele deve estar ali – disse o padre apontando para o corredor.

Meu agressor e o outro homem com a balestra foram pra lá. Eu me ergui lentamente. Tonto e com vontade de vomitar. Minhas pernas tremiam.

- Vá embora e nunca mais volte aqui – disse o padre, na entrada do corredor.

Eu passei por ele em direção a saída. Ainda pude ver os dois homens se preparando para explodir a porta. Eu chorei, mas não podia fazer mais do que isso.

Desci as escadas cambaleando. No térreo do prédio, os moradores me olhavam assustados. Passei por ele o mais rápido que pude e ganhei a rua. As luzes dos postes me incomodavam e não enxergava direito. Na esquina, tomei um táxi.

- Hospital, amigo? – perguntou o taxista, me olhando assustado pelo retrovisor.
- Motel Aurora. Sabe onde fica?
- Não, senhor.
- Eu explico como chegar lá.

Pensei ter ouvido uma explosão. Não sei bem. O fato é que já estava amanhecendo. Mas eu não tinha vontade nenhuma de ver o sol.

Delitos de Primeira Pessoa

por Rodrigo Souza

Eu nem sei quanto tempo estou neste hotel, sentado na cama e olhando a mancha de sangue na camisa.

Eu nem lembro do rosto do recepcionista do hotel. Era careca? Cabeludo? Tinha barba ou não? Era alto, baixo?

Faz tempo que vi a dona da pensão. Faz tempo que vi o filho da dona da pensão e faz tempo que vi a Dolores...

- Eu sou sua flor?
- Minha rosa, minha flor!
- Mentiroso!
- Um pouco.
- Palhaço!

Ela me batia toda vez que isso acontecia.

Conheci Dolores há dois anos no carnaval no Tênis Clube. Tava todo mundo pulando, cantando no meio do salão. Alguns fantasiados, outros não. Eu tava normal, a Dolores tava de baiana. Quando vi a morena gamei na hora.

Ela adorou meu papo e não demorou beija-la no salão.

Dolores era cabeleira, veio do interior de Pernambuco, morava numa pensão que tinha dez moradores, mas ela nunca os via direito, somente a dona e o filho dela.

- Sabia que o tarado abriu a porta do meu quarto só pra me ver tomando banho?
- E o que você fez? Perguntei.
- Falei, se ele fizesse de novo iria capar ele.
- E ele acreditou?
- Acho que sim, não voltou mais.

Dolores e eu vivíamos bem até o momento que eu a encontrei naquele estado...

A gente brigava às vezes, ela queria que eu arranjasse emprego, pois tava querendo matrimônio.

- Você não gosta de mim...

Ela fazia drama, chorava como menininha.

- Calma amor... eu amo você.
- Ama nada! Se me amasse procuraria emprego!

Eu falava que ia e não ia nada.

Fiquei enrolando ela, mas aí ela falou que me deixaria, então corri.

Comprei jornal, bati porta em porta e encontrei um de faxineiro num supermercado.

- Começa às sete. Disse o gerente de olhos desconfiados.
- Não tem problema, estou acostumado a levantar cedo!

Liguei para Dolores e contei a novidade.

- Verdade!
- É amor, consegui emprego. Agora vai casar comigo? Sim, sim, eu irei!

No dia seguinte comecei no supermercado. Entrei às sete e saí às quatorze horas.

No dia que encontrei Dolores, eu liguei pra ela.

- Eu passo aí, quero levá-la para almoçar no restaurante.
- E você tem dinheiro? Ela perguntou.
- Meu primo deu um empréstimo. É para comemorar meu primeiro dia de trabalho.
- Estarei bem bonita.

Primeiro passei na casa do meu primo.

- Empresta-me cinqüenta?
- Pra quê?
- Levar a Dolores no restaurante.
- Cê tá enrolando a morena.
- Não tô mais, comecei a trabalhar.
- Vai casar, então?
- Talvez.

Ele riu, me chamou de safado e emprestou os cinqüenta e dois vales transporte.

Entrei na pensão.

A dona, uma mulher de rosto magro, nariz grande, olhos de peixe morto e que cheirava cigarro, me deu permissão.

- Pode subir.
- Obrigado. Respondi.

Subi a escada e encontrei...

...

Faz tempo que estou neste hotel.

Não consigo parar de olhar essa camisa manchada de sangue.

Foi por outro motivo que vim parar aqui.

Não sei como vim parar no hotel. Foi à primeira porta que vi e entrei.

Pedi um quarto pro recepcionista, ele falou o preço. Acho que respondi que pagaria depois.

Eu lembro a cena da Dolores ali...

E lembro dela depois disso.

Eu a vi na minha casa. Foi por causa disso que parei neste hotel. Não, foi causa da dona da pensão e do filho dela.

Eu passei a tarde inteira na rua, depois do que presenciei e ao voltar pra casa encontrei Dolores parada, com a cara emburrada, furiosa e cansada.

- Por que demorou tanto, seu cretino! Gritou.
- Amor...
- Amor coisa nenhuma! Demorou e olha o que aconteceu comigo.

Dolores tava do mesmo jeito que a encontrei no quarto, com um robe verde abacate, meio aberto com os seios à mostra.

- Por que demorou seu safado? Olha pra mim, olha pra mim!
- Amor... fui pegar o dinheiro com meu primo.
- Mentiroso! Olha como estou, estou lá no quarto em cima da cama. Você me viu desse jeito, não viu?

Ela abriu o robe, eu tapei os olhos, não queria ver.

...

Parei aqui por causa da dona da pensão. Ou do filho dela?

No dia seguinte, eu voltei à pensão, para saber se a dona tinha encontrado Dolores.

Ela não tava na recepção. Então subi, talvez a dona chamou a polícia e agora está na delegacia dando esclarecimento.

Subi para saber se tinham levado Dolores e quando passei em frente a um quarto vi a dona deitada na cama.

Entrei. Ela estava branca, pálida, os olhos querendo saltar para fora. A coitada tava morta, fria como gelo.

Saí da pensão correndo com vontade de vomitar. Vomitei numa certa distância.

Voltei pra casa e a dona da pensão estava sentada no meu sofá.

Com a cara branca, pálida, olhando feio.

Ela levantou, sua cabeça deitou no ombro, veio caminhando em minha direção e falando:- Nunca confiei em você, não viu a coitadinha da Dolores? Ela tá lá deitada do mesmo jeito. Pobrezinha... você sabe, você viu.

Eu gritei apavorado, saí fugindo da loucura, devo ter batido na casa do meu primo, eu tava histérico.

Quem abriu foi uma mulata nua que me expulsou.

- Vai embora, porra!

Não sei quanto tempo fiquei vagando, aí resolvi voltar.

Não encontrei Dolores nem a dona.

...

Ela abriu o robe, eu tapei os olhos, não queria ver.

- Veja! Gritou Dolores.

Eu vi o buraco no meio dos seios que derramava sangue.

Afastei-a com a mão chorando, corri, fui para a pensão e encontrei a dona morta.

No outro dia voltei na pensão pra conversar com o filho. Ninguém estava.

Subi e no quarto ele tava deitado de cueca na cama, com os olhos esbugalhados com um enorme caco de vidro enfiado na testa que escorria sangue.

Vomitei ali mesmo, no chão. Não tive coragem de ver Dolores, entrei no bar, pedi conhaque. Bebi, pedi mais, paguei.

Voltei e o filho da dona da pensão me esperava de cueca e o caco de vidro na testa.

- Cê devia ter aparecido cedo, mano. Agora ela tá lá na cama. Cê zoou a mina, vacilão!

Foi nesta hora que desesperado entrei no hotel.

Foi antes, estava no ônibus, pulei a roleta, o cobrador reclamou.

Deve ser porque voltei na pensão no quarto da Dolores, a camisa, a minha camisa e o sangue nela.

Aí entrei no ônibus e logo em seguida no hotel.

...

Antes passei na casa do meu primo. Finalmente o encontrei.

A mulata não estava, não conseguia me controlar.

- A Dolores, ela tá morta!
- Fala devagar, você tá nervoso. O que aconteceu com sua namorada?
- Ela tá morta, lá na pensão dela!
- Você viu?
- Claro, ela tá na cama morta!
- Chamou a polícia?
- Não.
- Cê tem certeza de que ela tá morta?
- Eu vi, eu vi! Gritei desesperado.
- Calma. Volta na pensão, talvez você esteja imaginando, ela está bem.
- Não é imaginação, cara, eu vi a Dolores morta!

Fui embora.

E retornei na pensão da Dolores, entrei no quarto, ela tava do mesmo jeito, deitada com o robe meio aberto mostrando os seios e no meio deles o buraco que sangrava.

Agora sei o motivo da camisa estar manchada de sangue. Foi descuido, desatenção. Emocionado, deitei-me sobre Dolores e beijei seu lábio e ao levantar, a mancha estava na camisa.

Tentei limpar, a mão ficou manchada.

Saí dali e entrei no ônibus.

O cobrador de óculos, me encarando, lembrei que não tinha dinheiro, pulei a roleta, o ônibus vazio. O cobrador chiou.

- Ei, não vai pagar!

Desci no ponto, acho que vi o cobrador fazer gesto com o braço xingando.

A primeira coisa que vi na frente foi a placa fluorescente do hotel. Entrei.

...

Pedi um quarto, o recepcionista que nem lembro como era. Peguei a chave da mão dele, entrei no quarto e estou até agora.

E reparei que desde que saí da pensão, entrei no ônibus e neste hotel, eu estava com a camisa manchada.

O cobrador deve ter visto e o recepcionista também.

Vou-me embora, antes que seja tarde.

Desço e na recepção há um policial e o recepcionista que agora vejo que é baixo e obeso, de óculos grosso.

- Aí está ele, seu policial! Disse ele ao policial.
- Venha comigo, meu rapaz. Disse o policial com a mão estendida.
- O que eu fiz? Perguntei amedrontado.
- O senhor aqui relatou que sua pessoa entrou neste recinto exigindo um quarto. Este senhor alega que avisou do preço da hospedagem e que era necessário pagar adiantado. Porém, vossa pessoa o agarrou pelo colarinho e o ameaçou a entregar a chave, ele entregou, analisou que vossa pessoa não estava no estado normal e desde aproximadamente duas horas está no quarto. Este senhor acionou nossos serviços e estou aqui para resolver. Explicou o policial.
- Eu não fiz nada, seu guarda!
- O que é essa mancha na sua camisa, sangue?
- Eu não fiz nada seu guarda, quando entrei eles estavam mortos!
- Do que está falando?

Ele pegou meu braço e foi me puxando.

E eu dizendo desesperado e histérico.

- Eu não fiz nada, não fiz nada!
- Lá na delegacia terá muito que explicar.

Um Pobre Diabo

por Dimitri Kozma

A madrugada descia rápida e seu único acalento eram as folhas amareladas de jornal da semana passada que o cobriam e protegiam seu velho corpo do frio. Jamais tivera um momento de felicidade em sua existência, jamais conhecera um ombro amigo que o ajudasse a sair daquela condição sub-humana em que vivia, poderia morrer ali que não encontraria uma boa alma para cuidar de seu enterro, seria jogado numa vala comum, sem ao menos um nome para identificá-lo.

José da Silva viera do Nordeste tentar a vida na cidade grande, repleto de sonhos na cabeça, deixou a mulher, grávida de três meses e mais cinco filhos para trás, tinham uma casinha modesta perdida no meio da caatinga, plantavam o que consumiam e tinham um sustento garantido. José prometera que quando a situação melhorasse ele voltaria para pegá-los, achava que não teria dificuldade de conseguir um emprego como ajudante de obras, ou algo semelhante, achava que chegando na Capital, encontraria as portas abertas, mas ao chegar deparou-se com a dura realidade, toda sua esparsa bagagem foi roubada ainda no ônibus, todos os seus documentos desapareceram. Zé agora não tinha mais nome, não era ninguém, nem um Zé qualquer ele era.

Não tendo onde morar, ele acomodou-se embaixo de um grande viaduto no centro da cidade, sem dinheiro para voltar, via seu futuro desmoronar como castelos de cartas, via o fim se aproximando e seu cinto se apertando cada vez mais, a fome doía como agulhas perfurando seu estômago sofrido. Não teve outra opção a não ser a de pedir dinheiro nos faróis do centro, mas sua aparência repugnante, aspecto sujo e feições amedrontadoras provocavam um certo temor nos motoristas, que fechavam os vidros assim que Zé se aproximasse. Raras eram as pessoas que ofereciam um trocado para ele e mais raras ainda eram os trocados que passassem de alguns míseros centavos que estavam jogados pelo carro.

Isso doía em Zé, ele sempre prezou o respeito pelo próximo, ajudava todos que precisassem de algo quando morava com sua família, cada negativa que recebia sentia-se mais menosprezado, mais à margem de uma sociedade que o tentava expurgar como a um câncer nocivo a todos, doía em sua alma calejada ser tratado como a um cão sarnento que atrapalhava a vida de todas aquelas pessoas ocupadas com seus trabalhos importantes enquanto Zé não era nada. Um zero à esquerda.

Seus dentes apodreceram rapidamente, suas unhas cresceram de uma maneira desproporcional, seus cabelos crespos estavam emplastrados e sebosos, seu cheiro era forte e não saía nem quando tomava um banho rápido no chafariz da praça principal.

A cada dia, sua condição de ser humano era reduzida a um rascunho mal acabado. Para alimentar-se, procurava restos no lixo, revirava latas e comia os detritos de comida despejados no chão depois das feiras, muitas vezes já apodrecidos, essa comida o envenenava cada vez mais, seu corpo exalava um odor pútrido de carne deteriorada.

Com o dinheiro que ganhava, ele investia em cachaça, comprava uma garrafa e a bebia em um dia ou menos, este era seu consolo, seu único alívio para a dor e a miséria. Vivia na maior parte do tempo com o álcool na cabeça, permanecia sempre em estado de embriagues.

Nas noites frias, Zé cobre-se com jornais e algumas caixas de papelão, algumas vezes acendia uma fogueira para espantar a dor dos ossos castigados. Encolhia-se num canto e permanecia ali, até o dia seguinte, quando reiniciava sua infindável via sacra no caminho da sobrevivência.

Certa vez, Zé acordou com uma forte dor no estômago, sentia pontadas infernais que o fazia se contorcer em espasmos terríveis. Nada pode fazer, a não ser esperar pelo fim que poderia não tardar em chegar, permanecia ali, maturando aquela que poderia ser uma úlcera. Mas a natureza encarregou-se de curá-lo, em dois dias, tinha se recuperado, e estava de volta à garrafa de pinga barata comprada no bar da esquina.

Um certo dia ensolarado, Zé não pode explicar, mas sentiu que aquele poderia ser seu dia de sorte, sentiu que uma estrela brilhava no céu a seu favor. Acordou e guardou suas coisas, como de costume, em um buraco na parede do viaduto em que morava e saiu pela rua, caminhando sem destino, numa infindável busca de algo que nem ele mesmo saberia o que. Uma salvação que viria e Deus.

Zé passa na frente de uma igreja evangélica, não há culto aquela hora, mas ela está aberta, não há ninguém na porta, mas dentro ele pode observar umas duas ou três pessoas rezando em silêncio, por alguns segundos Zé observa aquela reza introspectiva e pessoal, olha para os lados, esperando que alguém o fosse barrar e entra, meio encolhido, percebe que ninguém o abordou e senta-se em uma das cadeiras plásticas na parte de trás do templo religioso.

Fecha os olhos e começa sua reza, pede que aquele sofrimento chegue ao fim, que aquilo melhore ou termine de vez, pede que Deus tenha piedade de sua alma, que o perdoe por abandonar sua família, enfim, implora de todas as formas a salvação divina.

A bebida ainda fazia efeito em sua mente, não conseguia concatenar pensamentos coerentes quando uma mão é colocada sobre seu ombro, ele apenas abre os olhos, enquanto uma voz carismática diz:

- Amigo, você quer ganhar um lanche de graça?

Zé vira-se mais do que depressa, olha e vê um homem bem arrumado, terno de linho preto, gravata, cabelo penteado e um ar superior, sem acreditar no que ouviu, ainda meio atordoado, pergunta:

- O que?

Ainda com a mão no ombro do indigente, mas já tirando, o homem repete:

- Um lanche de graça. Quer ganhar ou não?

Zé evitava falar muito:

- Claro

- É o seguinte, amigo, você vai ter que fazer um favor aqui na igreja, topa?

Ainda sentado, mas começando a se levantar ele diz:

- Sim... Mas o que?

- Olha, é bem simples. Você vai ficar aqui esperando até nosso culto de noite, às oito e meia. Quando a gente te chamar, você vai fingir que está com o diabo no corpo, é só falar grosso, se contorcer, falar algumas palavras demoníacas, coisa e tal... nada muito difícil, a gente guia você, não tem como errar. Depois do culto, a gente te dá um lanche. O que acha?

Com a perspectiva de receber uma tão sonhada refeição, Zé percebe que será um custo baixo para finalmente, depois de um dia e meio sem colocar nada na boca, se deleitar com comida de verdade. Demonstra interesse, mas pergunta:

- É, é muito bom da parte do senhor, mas... não tem pobrema fazer isso? Será que não vai dá complicação?

- Que nada! Fica sossegado que você vai dar um show, além do mais, você não vai estar sozinho, antes de você uma mulher vai estar fingindo também, então você presta atenção nela e faz parecido, não vai ter nenhum problema.

Olhando para o chão, com um ar de felicidade, Zé finalmente agradece:

- Brigado, senhor, Deus te pague. O senhor é muito bom. Brigado!

Enquanto leva Zé pelo braço até a porta da igreja, o pastor diz:

- Não é nada, você merece, amigo, você é filho de Deus e merece esse prêmio.

Já na porta da igreja, enquanto Zé fica na rua, o pastor, do lado de dentro, reforça: - "Esteja aqui às oito horas, assista ao culto daqui do fundo da igreja e quando eu chamar, você vai lá no altar. Não esqueça de prestar atenção na mulher que vai se apresentar antes de você, tá combinado?", Zé olha novamente para o chão e confirma:

- Sim senhor, pastor, combinado. Oito horas!

O dia demora a passar, Zé permanece a um quarteirão longe da igreja, sentado num chão úmido, ele sonha com a tão sonhada fama que terá a noite, imagina como será quando pisar naquele altar e receber a atenção de todos. Seu estômago dói, arde como brasa, compra mais uma garrafa de pinga depois de pedir por uma hora dinheiro nos faróis, o álcool amortece a dor que queima, a dor se vai junto com a angústia.

De tarde, Zé vai até o chafariz da praça, deve tomar um bom banho para sua estréia no mundo artístico, afinal ele será um astro hoje. "Quem sabe se não me contratam?" pensa ele, com uma ingenuidade fenomenal. Cambaleia e mal consegue entrar no chafariz, molha as axilas e enfia a cabeça na água, depois de quase se afogar, sai mais cambaleante ainda, coloca a velha camisa rasgada, e se perfuma esfregando as folhas verdes de um limoeiro por todo o corpo.

A noite chega e a hora se aproxima, Zé não pode se conter de ansiedade. Chega a porta da igreja e espera o culto se iniciar. Uma animada música começa a tocar, com a vista turva, observa uma velha gorda, com seu marido, um esquálido, com as mãos levantadas ao ar, balançando freneticamente, ele começa a imitar os gestos, quase que mecanicamente, sem entender ao certo o objetivo daquilo.

No altar, dois pastores dividem as atenções, um era aquele que havia falado com Zé, um sujeito forte, viril, cabelos muito bem penteados, um aspecto de banho tomado, o outro, igualmente elegante, mas um pouco mais velho, os cabelos lhe faltavam, penteava os pouco de maneira que escondessem as falhas, usava um estranho óculos que cobriam apenas metade dos olhos, tinha uma verruga na lado esquerdo da bochecha. Ao fundo do altar, uma banda tocava guitarras, baterias e contrabaixos, tudo embalado com um ritmo jovem e animoso.

Zé não podia observar direito, seus olhos ficaram turvos, e quando tentava olhar mais longe, uma tontura invadia sua cabeça e ele tinha que fechar os olhos para não cair. Depois de encerrada a música, o pastor mais velho começa a falar, bradando:

- Irmãos! Boa noite! Digam todos: "Boa noite Jesus!"

As ovelhas cegas repetem:

- Boa noite Jesus!

Com uma cara de empáfia, ele começa a proclamar:

- Hoje vocês sabem que é um dia muito especial, hoje você, que está aqui vai aceitar Jesus, vai fazer o sacrifício de fé, hoje estamos felizes porque finalmente Jesus vai provar sua força!

Todos observam, em pé, sem se moverem, e o pastor continua: - "Vocês sabem que, quanto mais for dado no sacrifício de fé, mais recompensas os céus irão te oferecer. Hoje será o dia do tudo ou nada! É hoje! O dia do tudo ou nada! O dia em que cada um de vocês provará a fé no nosso Deus vivo!

À medida em que falava, seu tom de voz ficava cada vez mais veemente, mais inquisidor, Zé não conseguia entender direito as palavras, elas estavam meio embaralhadas em sua cabeça. Percebeu que precisava de mais um gole de pinga, a dor voltava mais forte do que nunca, precisava de mais um trago no líquido que o anestesia de tudo. Discretamente abriu a garrafa que carregava dentro de um saco plástico de lixo, que pegara na rua, e dá um enorme gole, sua garganta queima e a dor se ameniza, continua a prestar atenção em tudo o que o pastor estava dizendo no altar:

- Hoje vocês vão ver o poder de Deus se manifestando aqui, hoje vocês verão algo que não vão acreditar, mas será o poder de Deus se manifestando em pessoa aqui! Vocês sabem que o demônio tem muitas caras, né? Vocês sabem que o cão se esconde dentro da mais frágil pessoa. Pois bem, hoje vocês verão esses demônios se manifestarem, e o poder de Jesus Cristo acabando com ele para sempre.

Com a vista cada vez mais embaçada, Zé viu uma mulher subindo ao palco, não estava com uma noção de tempo muito definida, mas viu a mulher rolar no chão, ouvia bramidos ininteligíveis, pode ver os comentários que surgiam por toda parte da igreja, mas não conseguia ver, não conseguia prestar atenção no que se seguia naquele altar. Pontinhos parecendo estrelas começaram a ulular em seus olhos, a visão escurecia e clareava intermitentemente.

Todos estavam em pé, mas Zé senta-se um pouco, caso contrário desmoronaria no chão. Depois de alguns infindáveis minutos ouvindo aqueles barulhos demoníacos, finalmente param, parece que o exorcismo teve sucesso. Zé permanece sentado enquanto o pastor diz:

- Antes da nossa próxima cura espiritual, vamos passar os envelopes de contribuição e vocês coloquem suas doações para Deus ali, lembrem-se, quanto maior a oferta, maior a graça atendida!

Uma contagiante canção começa a tocar e Zé apenas ouve, sentado e aguardando sua vez, na verdade já nem se lembrava direito do que teria que fazer, apenas sabia que teria que subir no altar, depois de recolhido os envelopes do dízimo, finalmente o pastor mais jovem tem a palavra, igualmente bradando como um louco, começa:

- Muito bem, Deus agradece de coração todas as contribuições. Com certeza ele os pagará dez vezes mais. Agora vamos ajudar mais uma alma angustiada... Vejamos...

Enquanto diz, começa a procurar Zé no fundo da igreja, força um pouco a vista, finalmente o encontra, sentado, com a cabeça baixa, os olhos fechados e tremendo um pouco. O pastor diz: “Ali! Aquele homem, tragam ele até aqui! Ele está com o demônio!”

Neste instante, dois homens seguram o pequeno Zé pelos braços e o arrastam até o altar, a garrafa de pinga cai do saco e se quebra no chão, Zé, ao ver seu único acalento se partindo, dá um grito, imediatamente o jovem pastor coloca a mão sobre a testa do indigente embriagado e grita palavras de ordem aos demônios que habitam seu corpo: - “Espíritos do mal! Saiam já desse corpo! Em o nome do senhor Jesus! Saia!”.

A visão de Zé escurece, estrelas brancas fervilham em suas vistas doentes. A dor começa a aumentar enquanto o pastor vocifera freneticamente: - “Eu já te ordenei, demônios! Saiam já desse corpo! Em o nome do senhor Jesus!”, agora apertava com as duas mãos a fronte de Zé, que estava ajoelhado no chão se esboçar nenhuma reação. O Pastor, parecendo não perceber o estado do homem, depois de mais uns gritos em vão, sussurra no ouvido de Zé:

- Como é que é, rapaz? Vai se debater ou não vai?

Não obteve resposta e começa a perder a paciência, apertando com mais força a têmpora do infeliz, que permanecia imóvel, com os olhos fechados, nesse momento, o pastor chacoalha sua cabeça com vigor. Zé começa a vomitar, não tem nada no estômago, portanto vomita apenas a bile do estômago, que neste momento dói como brasa ardendo no fogo do inferno. O pastor grita, quase num tom alegre:

- Estão vendo, aqui está, o demônio está se manifestando! Olhem! – dizia enquanto apontava para o vômito.

Todos observavam aquele espetáculo sem esboçar um movimento sequer, enquanto o pobre mendicante se contorcia em dores naquele altar. Seu estômago nunca doera tanto assim, achava que podia aguentar, mas estava piorando cada vez mais, enquanto isso o pastor balançava a cabeça de Zé sem parar.

- Sai! Sai! Capeta! Sai do corpo desse pobre infeliz! Em o nome do senhor Jesus! Sai! Em o nome do senhor Jesus!

A cabeça de Zé já não podia pensar, ele já não podia mais reagir, como nunca o fez, mesmo quando podia, agora Zé já não poderia mais aproveitar sua fama repentina, afinal, esta era uma ocasião especial, para um homem que sempre teve o desprezo de todos, agora era o centro das atenções daquela cerimônia religiosa. Mas não poderia mais nem sequer se mover voluntariamente.

A úlcera que cultivava em seu estômago supurou há algum tempo, sua vida havia chegado ao fim, um final grandioso para alguém que não teve o mínimo de atenção em vida. Agora era o centro de um espetáculo grotesco, era este o seu escopo, era dessa maneira grandiosa que gostaria de deixar este mundo, e parece que José da Silva finalmente conseguira atingir seu intento.

O corpo apenas cai no chão para trás, já não se move mais. Todos permanecem ali por alguns minutos, sem reação, sem saber que era exatamente dessa maneira que Zé gostaria de deixar este mundo.

Ascensão Funcional

por Miguel Carqueija

Olho, silencioso, a relva do jardim. Ela é verde...

As árvores, de grandes copas, ostentam folhas verdes. Assim a gameleira grande no fim do quintal, habitada por pássaros que em parte são verdes.

Agora passa uma mosca verde diante de meus olhos eletrônicos.

Num gesto pouco robótico, ergo a mão esquerda e contemplo-a por breves instantes. A mão é amarela.

Passaram-se alguns segundos nessa contemplação. O tempo não deve ser desperdiçado. Meus circuitos voltam a funcionar normalmente quando atravesso o jardim em direção à floresta de espelhos solares. A manutenção era feita diariamente e para isso eu dispunha de sensores muito sensíveis. A luz que as minhas lâmpadas emitem, porém, é amarela.

Procuro empurrar para o meu subconsciente robótico — se é que isso existe — o pensamento que me flutua insistentemente. O robô-psicólogo diria certamente que ocorre um desvio funcional em meus circuitos. A concorrência para a ascensão técnica é uma coisa normal e não deve trazer em si nenhuma espécie de angústia. Seres humanos, feitos de carne e osso, não passam às vezes de feixes de emoções. Um autômato é frio como o metal que forma a maior parte do seu corpo.

A acumulação da energia solar, armazenada durante o dia, representa o próprio funcionamento da Cidade. A transferência é efetuada durante a noite, e no dia seguinte os espelhos prosseguem seu trabalho. Um parafuso não pode estar fora do seu lugar e por isso eu deveria me considerar satisfeito por exercer função tão importante para a vida dos humanos; muitos robôs amarelos não recebem responsabilidade semelhante.

Já 14 anos se passaram, desde que eu deixei a cor vermelha. Mas para que recordo isso?

A metalurgia e a eletrônica se combinam maravilhosamente para o funcionamento da floresta de espelhos. A vigilância robótica completa o processo.

Às vezes penso no que teria sido se não tivesse existido um homem chamado Isaac Asimov. A sua Saga dos Robôs, escrita no século XX — coleção interminável de contos e novelas — como que preparou a mente humana para a nossa realidade, que chegava. Assim é que as famosas Três Leis de Robótica vieram a ser adotadas na prática:

I) Um robô não pode causar dano a um ser humano ou, por omissão, permitir que ele sofra algum dano;

II) Um robô deve obedecer a um ser humano, a menos que essa obediência entre em choque com a Primeira Lei;

III) Um robô deve zelar pela própria sobrevivência, a menos que isso entre em choque com a Primeira e a Segunda Leis.

Só que a humanidade real, sendo muito complicada, achou que essas três leis eram poucas e acrescentou outras, que variam conforme a fabricação. Uma das mais comuns é a que impõe proteção aos animais domésticos. Outra estabelece o desejo — vagamente emotivo — de aperfeiçoamento pelo aprendizado. Uma espécie de ascensão social robótica.

Naquele dia o sol trazia um calor inclemente de 35 graus centígrados. Meus sensores conheciam a temperatura ambiente, de modo que eu nunca precisava consultar termômetros. Em dias nublados ou chuvosos o aproveitamento da energia térmica era muito baixo; os dias ensolarados serviam para aumentar a reserva disponível. Desde que as usinas nucleares, por excessivamente perigosas, foram banidas, tornou-se imperativo o uso da energia solar conjugada com fontes alternativas, como os ventos e as marés.

Note-se que o Sol é a fonte mais esplendorosa de energia que a humanidade pode utilizar. Com as reações termonucleares que se processam em seu interior, ele despeja continuamente uma força tal que se faz sentir a 150 milhões de quilômetros, o bastante para manter a complexa biologia terrestre. Forte o bastante para causar carcinoma de pele; para cegar quem o fite diretamente (exceto se for um autômato). Já a energia nuclear, ou atômica, era extremamente perigosa e pouco prática por causa das radiações letais e das complexas medidas de segurança que não impediram tragédias como a de Chernobyl.

No fim do dia eu me dirigi, como de hábito, ao Centro de Processamento de Dados da estação, a fim de digitar o meu relatório diário. Ao deslizar pela rampa ascendente deparo com uma moça que, descendo, se dirige a mim com um sorriso:

— Alô, Jenkins. Como foi o seu dia hoje?

O meu nome vem de um dos mais famosos autômatos da ficção, o personagem central do romance "Cidade", de Clifford D. Simak. Encaro a moça que é uma das poucas pessoas amigas que encontro no gênero humano, já que me trata como um semelhante:

— Graças a Deus, o maior problema que eu encontro são as dejeções dos passarinhos.

Ela ri com graça. Sinto às vezes, diante de tais manifestações, algo parecido com o que os humanos chamam de inveja. Robôs não são programados para rir ou sequer sorrir.

— Será que as andorinhas são tão numerosas que possam interromper o nosso fornecimento de energia?

— Não creio — respondo com afetada seriedade. — Só que a limpeza deve ser contínua, pois o acúmulo de resíduos...

— Estamos tendo uma visita importante hoje. Capek... ouviu falar nele? Está lá em cima. Vá vê-lo, você pode aprender muito.

Lola se despede e desce. Ela sabe que eu me encontro na concorrência, ou "mula mecânica" como dizem por gíria (já que o processo é controlado por computador) para a cor verde — cor final de um robô — e é a isso que ela se refere na última frase. Se eu tivesse coração ele estaria disparado, sem dúvida. Capek... muita gente não se lembra, mas foi o tcheco Karel Capek, antes de Asimov e Simak, o escritor que deu início à saga dos robôs, com a peça "R.U.R. — comédia utópica em três atos e um prólogo" (década de 1920). Os robôs são muito gratos a esses três homens, que influenciaram a humanidade no sentido de fabricá-los verdadeiramente.

Entretanto, esse Capek é outro robô, só que se trata de um verde — na verdade, o mais antigo de todos os que atingiram o estágio verde. Por isso mesmo, uma figura lendária. O que estaria fazendo aqui? Lógico, viera provavelmente visitar a floresta de espelhos, cuja importância era inestimável.

Entrei na sala. Naquele momento Capek estava sozinho e procedia a uma auto-revisão através dos controles no interior do braço direito. Parei e observei-o, sem coragem de falar. Afinal, tratava-se de um autômato muito especial.

— Você é o zelador da floresta? — perguntou, sem se voltar.

— Sou. Você é Capek.

Era uma afirmação, pois eu já sabia. Capek continuou sua revisão. Podia dar atenção a duas coisas ao mesmo tempo, sem maior dificuldade.

— E você é Jenkins.

— Como sabe o meu nome?

— Indaguei.

— É uma honra tê-lo aqui.

Ele ignora o elogio. Vira-se finalmente para mim.

— Amanhã visitarei a área dos espelhos.

É um verde pastel, infinitamente belo. A pintura está impecável, cinematográfica. Uma suave luz verde irradia de seus magníficos olhos de esmeralda. Quase todo o seu corpo é verde. Verde... verde...

Por que terão escolhido essa cor para o mais alto grau da hierarquia robótica? Por alguma razão expresso essa pergunta a Capek, e ele dá uma resposta inesperada:

— Nós, robôs, representamos o supra-sumo de uma civilização extremamente tecnológica, sofisticada. Quem teve essa idéia quis fazer uma espécie de compensação à Mãe Natureza... um retorno ao verde no plano mais avançado da técnica. Ridículo, não acha?

Espanto-me — tanto quanto pode um robô — com o espírito de Capek. Ignorava a informação que ele acaba de me passar. Concordo, porém, com ele.

Capek prossegue:

— Desejo que você me explique em minúcias o funcionamento da floresta de espelhos. É um assunto que me interessa muito.

— Terei prazer em fazê-lo.

— A energia é um assunto vital, Jenkins. Você viu os sofrês * que voam aí fora?

— Sim, eu os vi.

— Já pensou como se explica que uma ave possa voar? Afinal ela pesa mais do que o ar.

Onde ele queria chegar?

— Mas a mecânica do vôo já está perfeitamente equacionada...

— Eu sei. Mas o nhandú e o avestruz já não são capazes de voar. Oh, claro, você pode falar em aerodinâmica, no pequeno peso relativo das aves, mas e o caso do besouro, com seus apêndices incômodos? A primeira explicação para o movimento é a existência de energia. A vida tem a sua própria energia. Uma vida altamente requintada necessita de mais energia. Entre o líquen e o homem a diferença é abissal. E o homem deste século é mais precisado de energia que o dos séculos anteriores. A tendência é aumentar a demanda.

— Concordo.

— Mas se uma civilização se expande tanto quanto a moderna Humanidade, é lógico que precisará selecionar as formas de energia que utiliza, de maneira a não desfalcar o meio ambiente de seus elementos vitais. Acabar com a cobertura vegetal, por exemplo, é maneira suicida e efêmera de produzir energia.

— Daí que a energia solar, como forma preferencial, é a solução mais adequada — prosseguiu ele. — A energia atômica houve por bem ser descartada, pela ameaça que representava de destruição global, em termos mediatos ou imediatos. Outras formas, como a energia das marés, são complementos necessários. Mas o principal é adequar constantemente a utilização da energia solar às necessidades da civilização. Já pensou, Jenkins, que se a carência energética da humanidade aumentar desproporcionalmente em relação à disponibilidade, os robôs poderão ser considerados um bem supérfluo e portanto dispensável? Nós consumimos uma grande parcela de energia e os homens viveram por milênios sem precisar de nossa ajuda. Pense nisso.

Nunca fizera, de fato, tais relações. Capek tinha razão. Se um dia representássemos um fardo pesado, poderíamos ser desligados como lastro supérfluo. Algo que poderia acontecer se as florestas de espelhos, por exemplo, perdessem a sua eficácia. Um pensamento deveras desagradável.

.....

Passaram-se muitos anos. Curiosamente, o que me ficou com mais nitidez no espírito foi essa estranha conversa da véspera, bem mais que a demorada visita à floresta. Lembro-me de ter mostrado a Capek os tubos de polipropileno, por onde corria água aquecida pelos raios solares, que acionava as nossas turbinas. Mostrei-lhe os espelhos de aço macromolecular que se movimentam lentamente, em tropismo vegetal pela luz do astro-rei. Ele pediu explicações minuciosíssimas e por fim observou:

— É um trabalho maravilhoso e você é muito dedicado, Jenkins. Só lhe falta uma coisa: aperfeiçoar o sistema. Sabe, eu vivo em conferências e não disponho de muito tempo. Sou como Touro Sentado no espetáculo de Búfalo Bill: uma curiosidade. Senão, eu me dedicaria a esse problema. Creio que a energia solar pode render mais. A questão é descobrir o processo adequado. A propósito, você leu sobre as teorias de David Bohm?

— Quem?

— David Bohm. Sobre o dobramento e desdobramento do Universo. É fácil encontrar os livros dele, mas pode deixar que eu lhe mandarei um pelo correio. Talvez lhe dê alguma luz. A meu ver os robôs devem estudar e pesquisar. É a nossa maneira de impor respeito.

Comecei a ler David Bohm e a idéia que passou a me perseguir obsessivamente foi essa: desdobrar a energia solar. Mas como? Ora, pelo espectro! Afinal essa luz é a combinação de sete feixes básicos. O desdobramento dos mesmos não septuplicaria o resultado? Bohm dizia: “Os físicos de hoje (referia-se ao século XX) concluem que toda a base conceitual da Física deve ser considerada como completamente inadequada.” Então por que não se poderia “espremer” mais um pouco as fontes energéticas, antes de concluir que já se tirava delas o possível? Com esse pensamento, comecei a trabalhar como um louco. Febrilmente.

E foi assim que tudo começou. Foram anos de luta, de enfrentamento de preconceitos. Até conseguir doutorar-me em Harvard — primeiro robô a conseguir esse feito — muita água aquecida correu pelos dutos de polipropileno, mas afinal o desdobramento espectral triunfou, aumentando em sete vezes a energia obtida com a radiação hélia. Isso e mais a cerâmica supercondutora, além de outros reforços energéticos, produziu uma superabundância de força à disposição do mundo. O que deu tempo a nós, robôs, de cimentar com mais calma a espinhosa questão dos direitos civis, afastando o que teria sido o pretexto mais imediato contra a nossa raça. Que um autômato tenha sido o descobridor dessa nova fonte, pesa muito na balança. Não seremos presas tão ingênuas como os índios, e eu, um pouco sem dar conta, preenchi uma etapa importante ao subir de técnico para cientista.

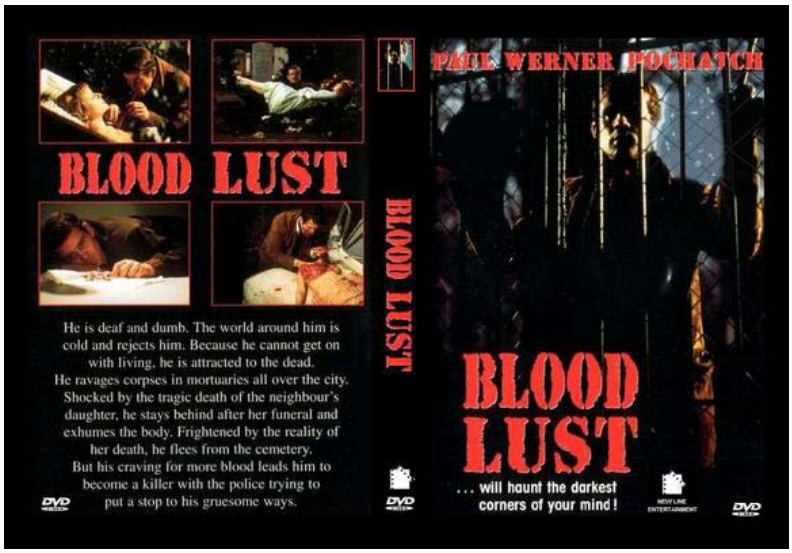
Essa não é a história da luta dos robôs pela sua afirmação. É apenas a história de como uma pequena conversa alterou o meu destino e, de quebra, o destino do mundo. Fito por um instante os meus dedos verdes, enquanto penso em palavras de

desfecho. Que extraordinária intuição teve Capek, naquele dia tão longínquo em que falou comigo, quando aparentemente me confiou uma missão? Curiosamente, já não valorizo mais o verde que hoje me recobre. Certamente, não foi para que me pintassem de verde que eu me esforcei tanto.

ARTIGOS, RESENHAS, COMENTÁRIOS DE CINEMA

O Maldito (Mosquito der Schänder)

por Matheus Ferraz



"A mente humana esconde mistérios impossíveis de explicar..."

Um homem surdo mudo invade um cemitério e arranca da tumba a sua jovem vizinha, morta num acidente, e por quem nutria um amor secreto. Ele tenta acordá-la e fazê-la dançar, como costumava fazer em vida, mas ela está rígida como uma estátua. Finalmente, ele faz um corte na própria mão, espalha o sangue nos lábios mortos dela e os beija, antes de fugir correndo.

Apenas pela descrição desta cena, o leitor sabe o que esperar do filme suiço "Mosquito der Schänder" (lançado por aqui com o batido título "**O Maldito**" e conhecido nos Estados Unidos como "**Bloodlust**"). Pois esta produção obscura, feita em **1976** na **Suiça** pelo cineasta Marijan Vajda pode ser definida como um cruzamento entre **Buio Omega**, **Maniac** e **Schramm** (sendo este último posterior). Veja bem, o personagem principal (que, como todos os outros no filme, não tem nome) é solitário e tem uma obsessão por sua vizinha, a única que o trata com humanidade (como em **Schramm**) e vive sozinho, rodeado por bonecas de gesso (semelhante a **Maniac**, onde o personagem vivia com manequins) e passa seus dias profanando túmulos, chegando a se relacionar com o cadáver de sua amada (o que lembra muito **Buio Omega**). E, como nos três filmes, o *Mosquito* (nome "de guerra" do personagem, que vamos usar a partir de agora) é levado à loucura, e se torna um psicopata sanguinário.

Mas, analisando com mais calma, **O Maldito** tem brilho próprio, e mesmo com uma produção miserável, é um filme mais profundo do que se espera, e chega a ser poético em diversos pontos. Não entenda mal, ele não deixa de ser sanguinário, feio e brutal em muitos momentos. Mas é capaz de criar uma empatia rara em produções de temática semelhante, mesmo que não escape de ser piegas às vezes.

O Mosquito (Werner Pochath, de **Manhunter - O Sequestro** e **O Gato de Nove Caudas**, e que passa o filme todo sem dizer uma palavra), é um homem tímido, funcionário exemplar no escritório onde trabalha, e reside num cortiço, onde mantém seu apartamento pintado de preto e cheio das tais bonecas de gesso. Elas são um símbolo da sua irmã, morta pelo pai alcóolatra quando ainda era criança. Num *flashback* pertubador, vemos a garotinha sendo alisada e morta pelo pai, que ainda espanca o jovem *Mosquito*, que fica lesado a ponto de perder a audição e a fala.

O dia a dia do *Mosquito* não é muito feliz também. É humilhado por todos: os colegas de trabalho (um deles é a cara do Stan Lee!), por uma prostituta das mais barangas que o aborda nas ruas e o manda embora do quarto depois de ver que ele não sabe o que fazer com ela, pelo seu senhorio... Enfim, a única pessoa que parece ter algum carinho pelo coitado é a tal vizinha, que passa os dias escutando música e dançando.

Acompanhamos a rotina miserável do homem, até que ele, sem explicação nenhuma, começa a invadir criptas e mutilar cadáveres frescos. Primeiro, ele apenas esfaqueia um dos corpos. Depois, arranca os globos oculares (o efeito é pobre, mas a visão das pálpebras murchas é repelente) e os guarda num pote. Mais tarde, de posse de um tubo de vidro, ele finalmente se torna um vampiro, bebendo o sangue dos mortos (que, aliás, já deveria estar coagulado).

A transformação do personagem é completamente enigmática, e por isso mesmo tão chocante. Como nunca diz uma palavra sequer, e como suas ações rotineiras são tão mecânicas, nunca é possível imaginar o que ele está pensando ou o que o leva a fazer o que faz. O *Mosquito* (nome que ele passa a escrever nas cenas de seus crimes) continua vivendo sua vida como sempre, sem se tornar menos ou mais violento, mais ou menos feliz, uma pessoa pior ou melhor. Trabalha, anda em sua lambreta e dá de comer ao rato de estimação. À noite, invade os túmulos e faz o que precisa fazer, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Mas tudo dá uma guinada quando a vizinha morre, despencando do telhado de sua casa enquanto dançava. É só então que a insanidade real atinge o Mosquito: se antes ele parecia completamente à vontade com sua vida miserável, a morte da única pessoa que amava o faz abraçar completamente o seu ódio pela humanidade, e pronto: um assassino está solto nas ruas de Nuremberg!

O roteiro, de um (a) tal N. Supasi, consegue não se sabe se por inteligência ou acidente, criar um personagem realmente rico e complexo. O *Mosquito* é simpático, apesar de sua loucura, e o espectador sente um verdadeiro ódio dos seus inimigos. Mas, mesmo assim, há muitos defeitos. Para começar, nunca há uma caça real ao criminoso. Apesar de os crimes do profanador de tumbas ganharem fama nacional, continua sendo a coisa mais fácil do mundo invadir as criptas, que deveriam estar trancadas e vigiadas. Outro problema grave ocorre na cena em que o *Mosquito* invade uma cripta e assina seu nome antes de se dedicar ao "trabalho". Eis então que um guarda entra, forçando o invasor a se esconder. Não é que o guarda, que mais do que qualquer um deveria saber sobre o violador de tumbas, simplesmente vê a assinatura ali e ignora, como se não significasse nada? Talvez o diretor Vajda tivesse optado por manter a perseguição ao Mosquito fora da trama (como fez John McNaughton no infinitamente superior **Henry: Retrato de um Assassino**), mas se fosse assim deveria ter mantido a lei fora do destino do personagem, ao contrário da conclusão utilizada no filme.

Outro ponto do qual muitos reclamam é a figura da vizinha, que chega a ser irritante com sua dança e cantoria. Mas, pessoalmente, considero este exagero na inocência dela um símbolo do que o *Mosquito* considerava realmente bom neste mundo, o que torna sua morte decisiva na queda de sua sanidade.

Se há uma coisa realmente excepcional, seria mesmo a atuação silenciosa e ainda assim cativante de Pochat (que tem uma certa semelhança com Cristoph Waltz), realmente trágico como o *Mosquito*. Quanto ao resto de elenco, nada muito relevante, além de ser impossível citar nomes, já que os créditos não informam direito quem interpretou quem.

A antiga fita da United Films (quer curiosamente trazia o trailer de outro filme chamado **Mosquito**, um trash estrelando Gunnar Hansen) é praticamente impossível de encontrar, sendo que só veio parar nas minhas mãos por pura sorte. Mas há cópias em DVD circulando nos EUA e na Grécia, e é possível encontrar versões piratas em sites especializados em filmes raros. Minha recomedação: se tiver a oportunidade, não despreze **O Maldito**. É um filme que realmente merece uma chance.

O Alerta Vermelho

por Renato Rosatti

"Talvez este mundo seja o inferno de outro planeta" – Aldous Huxley

Particularmente, a frase acima, reproduzida do início do filme francês "**O Alerta Vermelho**" (La Sirène Rouge / The Red Siren, 2002), foi uma das mais significativas e sonoras que tive acesso nos últimos anos, e que se aplica perfeitamente no argumento apresentado pelo filme, o qual evidencia a incrível maldade e instinto de violência que existem naturalmente na humanidade.

A história é inicialmente ambientada na França, onde uma menina de doze anos, Alice (Alexandra Negrao), procura a polícia, em especial a detetive Anita Staro (Asia Argento), para denunciar um assassinato cruel praticado por sua mãe perversa, a rica empresária Eva Kristensen (Frances Barber), que gosta de filmar em vídeo caseiro suas vítimas sendo brutalmente torturadas.

Uma vez não existindo meios legais para a condenação da influente mulher, a garota Alice passa a ficar sob a custódia das autoridades policiais e consegue fugir com destino à Portugal, onde estaria seu pai, Stephen Travis (Johan Leysen), supostamente morto num acidente de barco. Porém, enquanto fugia dos capangas de sua mãe, entre eles o mau caráter Koesler (Andrew Tiernan), Alice é resgatada por acaso por Hugo (Jean-Marc Barr), um ex-soldado combatente de guerra e assassino profissional, que trabalha para uma organização libertária secreta e sofre com um sentimento de culpa por causa de um incidente ocorrido no campo de batalha. Ele logo simpatiza com a garota e decide ajudá-la a fugir da mãe assassina e encontrar o pai.

Paralelamente, para tentar localizar Alice, a inspetora Anita parte também em seu encalço, recebendo em Portugal a ajuda de um policial extrovertido, o detetive Oliveira (Edouard Montoute).

Porém, eles não imaginariam que teriam que enfrentar assassinos profissionais contratados para recuperar a menina e trazê-la de volta à mãe, liderados pelo frio e calculista Coronel Vondt (Carlo Brandt).

Dirigido por Olivier Megaton, "O Alerta Vermelho" é um thriller policial com todos os elementos típicos do gênero, com muita ação, violência, pancadaria, perseguições e tiroteios. Não apresenta nada que já não tivesse sido visto em outra produções similares anteriores, mas independente disso, sua maior qualidade é justamente ser um filme honesto e totalmente despretensioso em sua proposta, conseguindo o objetivo de manter a atenção do espectador durante as quase duas horas de projeção, a despeito de todos os clichês e situações absurdas. Falhas como por exemplo, quando um grupo de homens fortemente armados invade um pequeno hotel em Portugal e detona tudo com a artilharia pesada, à procura da menina Alice e de seu protetor Hugo, e mesmo após um longo período de tiroteios, a polícia portuguesa nem apareceu no local.

O filme tem uma dose de violência bastante significativa, conseguindo enfatizar o instinto assassino natural da raça humana, e com isso concebendo cada vez mais credibilidade à memorável frase do escritor Aldous Huxley, sobre nosso mundo ser um inferno de algum outro planeta (não faltam exemplos reais para justificar essa idéia, com tantas guerras e atos de violência urbana espalhados em todos os países).

"O Alerta Vermelho" foi lançado no mercado brasileiro no formato DVD em Junho de 2005, distribuído pela "Europa".

"**O Alerta Vermelho**" (La Sirène Rouge / The Red Siren, França, 2002) # 345 – data: 18/10/05

The Creation of the Humanoids: uma pequena gema

Por Gabriel Carneiro

The Creation of the Humanoids, dirigido por Wesley E. Barry e com roteiro de Jay Simms, pode ser uma grata surpresa no meio das ficções científicas de baixíssimo orçamento. Há nele um desenvolvimento filosófico muito bem trabalhado, buscando dizer realmente algo, ao contrário de muitos outros que visavam a apenas explorar a temática vigente. Não à toa, foi considerado pelo cineasta e artista visual Andy Warhol como um de seus filmes preferidos.

Ele parte da premissa que houve a guerra nuclear, que teria durado dois dias e dizimado 92% da população mundial. Para ajudar então a revitalizar e construir cidades, criaram robôs inteligentes e auto-suficientes. Com o avanço da tecnologia, melhores ficaram as máquinas, a ponto de serem feitas nos moldes do homem, mas ainda trazendo várias características

robóticas. Os andróides começaram por si sós a buscarem novas inovações, e chegaram ao modelo R-96, um perfeito humanóide, uma duplicata do homem, com memória e sentimentos, mas feito de metal e sangue verde.

Mesmo que feito com parcos recursos e uma qualidade técnica duvidável – apesar de contar com bela fotografia do veterano Hal Mohr -, o filme acaba tendo um quê vanguardista, ao retratar um mundo em que há uma fusão entre a máquina e o homem. Essa temática só seria retratada mais enfaticamente pelo cinema a partir dos anos 80, com "Blade Runner: O Caçador de Andróides", "O Exterminador do Futuro" e "RoboCop". Em *The Creation of the Humanoids*, há a "Order of Flesh and Blood" (algo como "Ordem da Carne e Osso"), que vê nos robôs um desvirtuamento de valores, especialmente naqueles que se parecem humanos. Pregam uma maior segregação entre ambos e os vêem apenas como mão-de-obra. Pode-se notar uma relação entre o que é visto no filme e a luta negra pelos direitos civis efervescente na época – o filme é de **1962**. Em ambos os casos, há uma disputa de poder, no caso dos robôs e dos negros, de reconhecimento como seres iguais, e não apenas como subservientes.

Para aquela sociedade, parece não haver muito futuro. A radioatividade da bomba permanece no ar, fazendo com que a taxa de natalidade não seja alta. Os robôs estão crescendo em número – o que faz com que a referida ordem tema uma rebelião de máquinas -, e novas maneiras de se relacionarem surgem. O homem e a máquina combinados em um corpo parece ser o futuro, mesmo que tenham dificuldade de aceitar isso.

Algo intrigante e até irônico é a maneira como o preconceito é construído. O robô foi programado para não se ofender e não ofender, machucar ou matar humanos. A derrocada para a luta da ordem se dá quando um R-96 recém-criado mata o médico que fez a operação. Ou seja, quanto mais próximos dos humanos, mais violentos e mortais eles se tornam, quase como se tivessem medo da própria espécie. Em determinado momento do filme, um andróide, Pax, diz: "Por que quanto mais nos parecemos com eles, mais nos odeiam?"

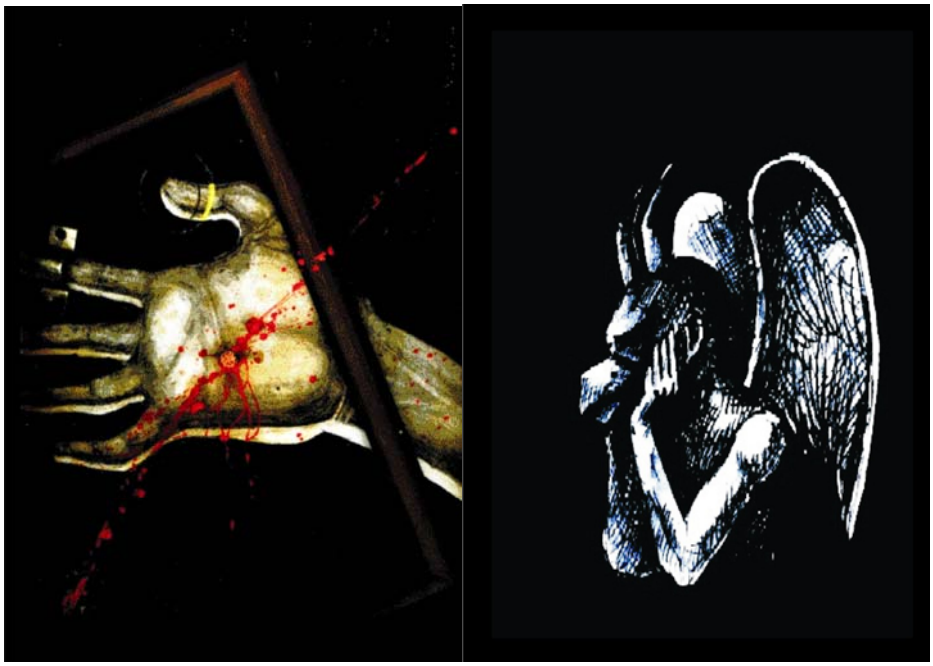
The Creation of the Humanoids também discute a robótica no nível metafísico e filosófico. O longa todo é permeado pela necessidade de autoconhecimento, de saber responder à pergunta 'quem sou eu?'. Os humanóides não sabem que são robôs, pois possuem a mente do humano original, que morreu em alguma circunstância – que não assassinato -, e foi duplicado. Os humanóides e os demais andróides ficam o tempo inteiro tentando descobrir seu papel no mundo, e se relacionarem com possíveis novas descobertas.

Ao término, uma nova questão: fim, um novo começo? Até que ponto a vida é cíclica?

A década de 1950 está eternamente marcada na lembrança dos fãs do cinema fantástico, graças aos incontáveis filmes preciosos produzidos nesse período como "O Monstro do Ártico" e "O Dia Em Que a Terra Parou" (ambos de 51), "A Guerra dos Mundos" (53), "O Mundo em Perigo" (54), "Vampiros de Almas" e "O Planeta Proibido" (ambos de 56), "O Incrível Homem Que Encolheu" (57), "A Mosca da Cabeça Branca" (58), entre tantos outros. E de **1955** vem também outro clássico memorável: "**Guerra Entre Planetas**" (**This Island Earth**), dirigido por Joseph M. Newman e com Jeff Morrow, Rex Reason e Faith Domergue. Os alienígenas do planeta Metaluna estão enfrentando uma terrível guerra contra o planeta Zagon, que está bombardeando o inimigo com potentes meteoros, destruindo gradativamente seu campo de força. Em busca de novas opções de energia nuclear para tentar salvar seu mundo da destruição, os humanóides de Metaluna montaram uma base secreta na Terra, convocando os principais cientistas de vários países para ajudá-los nas pesquisas de energias alternativas. O líder alienígena é Exeter (Jeff Morrow), que tenta manter ao seu lado as habilidades e conhecimentos de um casal americano de cientistas, Dr. Cal Meacham (Rex Reason) e Dra. Ruth Adams (Faith Domergue). Mas, por falta de tempo disponível para o desenvolvimento de um trabalho que poderia ser a salvação, eles são levados até Metaluna por ordem do monitor supremo do planeta (Douglas Spencer), chegando durante o ápice do conflito, sob um maciço bombardeio de Zagon. Não restando o que fazer para evitar a extinção de Metaluna, os cientistas humanos tentam fugir do caos e retornar para a Terra, onde no caminho, além das explosões de um campo de batalha, eles têm que enfrentar também um monstro mutante. O roteiro de "Guerra Entre Planetas" se utiliza da

tensão da guerra fria dos anos 50, abordando o tema da exploração da energia nuclear, nesse caso também voltada para um conflito bélico. Seus realizadores, numa jogada de marketing, evidenciaram num dos cartazes promocionais do filme, o relevante fato da produção ter levado dois anos e meio para a concepção final dos impressionantes efeitos especiais das cenas de guerra entre Metaluna e Zagon. E realmente, a opinião dos fãs e críticos é unânime em enfatizar a qualidade dos efeitos, principalmente pela distante época em que foram produzidos, sem a facilidade de toda essa tecnologia de computação gráfica do século XXI. Além disso, o filme também é muito lembrado por apresentar uma terrível criatura mutante, que mesmo em aparições rápidas, tornou-se um dos mais significativos monstros do espaço da história do cinema de ficção científica. (**Renato Rosatti**)

No cinema de Ficção Científica, um dos sub-gêneros mais interessantes é o de invasões alienígenas, com uma infinidade de filmes significativos. De **1960** temos "**A Aldeia dos Amaldiçoados**" (**Village of the Damned**), dirigido pelo alemão Wolf Rilla (1920 / 2005), estrelado pelo ator russo George Sanders (1906 / 1972), e com roteiro baseado na história "The Midwich Cuckoos", de John Wyndham. Uma pequena aldeia chamada Midwich, no interior da Inglaterra, repentinamente ficou isolada do mundo por algumas horas, com todos seus habitantes, incluindo os animais, desmaiados de forma misteriosa, despertando a atenção do exército, que isolou a área e tratou o assunto como segredo militar. Em plena época da guerra fria, e temendo ser um ataque de armas químicas, a idéia era evitar pânico na população, escondendo da opinião pública o mistério ocorrido em Midwich, numa típica conspiração militar. Depois de algum tempo, tudo volta lentamente ao normal e descobre-se que várias mulheres da aldeia ficaram grávidas simultaneamente, gerando grande confusão. As crianças que nasceram eram loiras e muito parecidas entre si, além de demonstrarem inteligência muito acima do normal. Elas formam um grupo liderado por David (Martin Stephens), filho do cientista Gordon Zellaby (George Sanders) e de sua esposa Anthea (Barbara Shelley), que é irmã de um importante militar do exército inglês, Alan Bernard (Michael Gwynn). A partir daí, com o objetivo de se protegerem e conseguir se infiltrarem na humanidade, o grupo de estranhas crianças, que utilizam o poder da mente para manipular as pessoas, causa mortes no vilarejo e desperta a fúria dos aldeões, tendo ao seu favor apenas a interferência do Prof. Gordon que quer estudá-los, colocando em risco sua própria vida. Com fotografia em preto e branco e duração curta com apenas 77 minutos, "A Aldeia dos Amaldiçoados" é um clássico da Ficção Científica com o tema de invasão alienígena, com seu grupo de crianças malignas e seus olhares penetrantes e manipuladores da mente, ficando eternizado na lembrança dos apreciadores do estilo. O filme tornou-se um dos grandes representantes das histórias com crianças vilãs. Teve uma continuação em 1964, "A Estirpe dos Malditos" (Children of the Damned) e uma refilmagem em 1995, "A Cidade dos Amaldiçoados", dirigida por John Carpenter e com Christopher Reeves (o super homem que ficou paraplégico) e Mark Hamill (o eterno Luke Skywalker de "Star Wars"). O ator mirim Martin Stephens, nascido em 1948 na Inglaterra, ficou reconhecido por seus papéis de criança misteriosa, pois ele também esteve no clássico de horror "Os Inocentes" (1961). Curiosamente, abandonou a carreira cedo, sendo seu último trabalho em 1966, no filme "Bruxa, a Face do Demônio" (The Witches / The Devil´s Own), produção da "Hammer" com Joan Fontaine. (**RR**)



A morte é apenas o começo... de uma eterna vida de dor...